

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO**

DANIEL BRAUNER

**A PRÁTICA DO BASQUETEBOL NA CIDADE DE PORTO ALEGRE:
DA EMERGÊNCIA NOS CLUBES À ORGANIZAÇÃO FEDERATIVA**

**PORTO ALEGRE
2010**

DANIEL BRAUNER

**A PRÁTICA DO BASQUETEBOL NA CIDADE DE PORTO ALEGRE:
DA EMERGÊNCIA NOS CLUBES À ORGANIZAÇÃO FEDERATIVA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Ciências do
Movimento Humano da Universidade Federal
do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof. Dra. Janice Zarpellon Mazo

Porto Alegre

2010

RESUMO

O presente estudo busca compreender como ocorreu o desenvolvimento da prática do basquetebol na cidade de Porto Alegre, desde a emergência nos clubes até a organização da Federação Gaúcha de Basquetebol. Tendo como referencial teórico-metodológico a História Cultural, a construção da presente versão da história deste esporte, sustenta-se em fontes impressas tais como jornais, revistas, almanaques esportivos, livros comemorativos e acervos de entrevistas. A revisão bibliográfica e a análise documental das fontes históricas alicerçaram a contextualização da prática do basquetebol na cidade de Porto Alegre. Discorre-se sobre a introdução da prática do basquetebol nos clubes em meados da década de 1920, onde aos poucos passou a conquistar adeptos, e se expandiu para as praças públicas, chegando-se a afirmação deste esporte no cenário porto-alegrense nas décadas seguintes com a organização de sua entidade própria no princípio da década de 1950. Como resultado do estudo identificou-se que a criação da Federação Gaúcha de Basquete em 1952 representou um marco para a melhor organização do esporte na cidade promovendo competições e atuando na difusão do basquetebol nos clubes. Além disso, as praças públicas se mostraram importantes espaços para a prática do basquetebol, tornando-se um lugar alternativo para atletas que não jogavam em clubes. Por outro lado, a localização de um significativo número de clubes sociais e esportivos com times de basquetebol nas décadas de 1930 e 1940, denota a forte presença deste esporte na cidade. Provavelmente, este foi um dos elementos que favoreceu a organização federativa do basquetebol.

Palavras-chave: História. Esporte. Basquetebol.

ABSTRACT

The current study seeks to understand how was the development of basketball practice in Porto Alegre, since the emergence in the clubs until the organization of the Gaucha Basketball Federation. Under the theoretical and methodological reference of Cultural History, this sport history version, it is held in printed sources such as newspapers, magazines, sports almanacs, books and interviews. The literature review and documentary analysis of historical sources underpinned the context of basketball practice in the city of Porto Alegre. It talks about the introduction of basketball practice at the clubs in the mid-1920s, where it slowly began to have fans, and expanded to the public squares, coming to claim the sport scene in Porto Alegre in the following decades with the organization of their own entity in the early 1950s. As a result, the study identified that the creation of Gaucha Basketball Federation in 1952 represented a milestone for the better organization of sports competitions in town promoting and acting on the spread of basketball clubs. Moreover, the public squares were important spaces for basketball practice, becoming an alternative place for athletes who did not play in clubs. On the other hand, the location of a significant number of social and sports clubs with basketball teams in the 1930s and 1940s, reflects the strong presence of this sport in the city. Probably, this was one of the factors that favored the federative organization of basketball.

Keywords: History. Sport. Basketball.

LISTA DE IMAGENS E QUADRO

Imagem 1	Jogo de basquetebol na Praça Florida	36
Imagem 2	Equipe do <i>club</i> Florida Atlético Clube, campeã citadina e estadual de basquetebol do ano de 1953.....	37
Imagem 3	Disputa de bola em um clássico Gre-nal da final do campeonato citadino de basquetebol do ano de 1955.....	48
Imagem 4	Divulgação do basquetebol na imprensa.....	50
Imagem 5	Partida entre a Sogipa e o Petrópole Tênis Clube – clubes sociais portolegrenses.....	53
Imagem 6	Esporte Clube Cruzeiro, clube campeão do campeonato citadino de basquetebol do ano de 1956.....	54
Imagem 7	Competição entre o Sport Club Internacional e o Petrópole Tênis Clube no ginásio do Grêmio Náutico União	56
Imagem 8	Atletas destaques da década de 1950, representando a seleção gaúcha de basquetebol.	57
Imagem 9	Disputa pela bola em um clássico Gre-nal de basquetebol.....	58
Imagem 10	Expectativa de crescimento para o basquetebol em Porto Alegre.....	59
Quadro 1	Quadro dos campeões da cidade de Porto Alegre de basquetebol dos anos de 1945-1959.....	46

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 QUADRO TEÓRICO	10
2.1 Pelos caminhos da pesquisa histórica.....	10
2.2 Sob o olhar da História Cultural.....	15
2.3 Entre a História e a Memória.....	17
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	22
4 O “ESPORTE DA BOLA AO CESTO” SURGE NO CENÁRIO DA CIDADE.....	24
5 AS PRAÇAS TORNAM-SE PÓLOS DA PRÁTICA DO BASQUETEBOL.....	32
6. A FASE FEDERADA DO BASQUETEBOL EM PORTO ALEGRE.....	41
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS.....	64

1 INTRODUÇÃO

Desde as primeiras décadas do século XX, o basquetebol foi um esporte que se difundiu dos Estados Unidos para vários países. No caso do Brasil, foi promovido especialmente pela Associação Cristã de Moços (ACM) e o país já obteve *status* de potência mundial nesta modalidade¹ no final da década de 1950, quando confirmou o bi-campeonato mundial. Mais especificamente no sul do Brasil, na cidade de Porto Alegre este esporte teve uma trajetória de crescimento e consolidação como prática esportiva marcadamente nas décadas de 1940 e 1950.

Atualmente, o basquetebol brasileiro não goza da proeminência que apresentou décadas atrás. Inclusive, o próprio órgão máximo que regulamenta o basquetebol nacional admite que o esporte atravessa uma crise técnica e de resultados². No caso do estado do Rio Grande do Sul, é notório o fato de nas últimas décadas, diminuírem o número de associações esportivas que fomentam a prática do basquetebol³. A mesma situação é observada no cenário do basquete na capital do Estado, Porto Alegre.

Em busca de contribuir para a reconstrução da expressiva história do basquetebol brasileiro, o presente estudo se concentrará na cidade de Porto Alegre, que juntamente com São Paulo e Rio de Janeiro se tornou um dos centros de desenvolvimento dessa prática esportiva no país nas décadas de 1950 e 1960. Na cidade de Porto Alegre, a prática do basquetebol em clubes já ocorria desde a década de 1920, contudo, neste período poucas associações esportivas incorporaram esta prática. Nas décadas seguintes, o basquetebol começou gradativamente a ser difundido e sua prática foi intensificada nos clubes e mesmo em outros espaços da cidade. O basquetebol, que até então estava vinculado à

¹ A expressão “potência mundial na modalidade” se justifica pelos dados dos sites da Confederação Brasileira de Basquetebol (CBB) e da Federação Internacional de Basquetebol (FIBA), os quais registram que o Brasil foi bi-campeão mundial em 1959 e 1963, duas vezes vice-campeão mundial em 1954 e 1970 e conquistou a medalha de bronze nos Jogos Olímpicos de 1948, 1960 e 1964 (www.cbb.com.br; www.fiba.com).

² A expressão “crise técnica e de resultados” é empregada no texto com base nos dados da Confederação Brasileira de Basquetebol (CBB) e da Federação Internacional de Basquetebol (FIBA). As entidades informam que o basquetebol brasileiro masculino classificou-se entre a 8ª e a 19ª posição nos três mundiais da modalidade nos anos de 1998, 2002 e 2006. Além disso, o basquetebol brasileiro esteve ausente dos últimos três Jogos Olímpicos realizados nos anos de 2000, 2004 e 2008 (www.cbb.com.br; www.fiba.com).

³ Fonte: site da Federação Gaúcha de Basquete (FGB). Ver: www.basquetegaucho.com.br

Federação Atlética do Rio Grande do Sul (FARGS) – entidade que dirigia a maioria dos esportes no Estado – conquistou uma entidade própria, a Federação Gaúcha de Basquete (FGB) em 1952 (BRAUNER, 2005).

Diante do exposto, o objetivo da pesquisa é compreender como ocorreu o desenvolvimento da prática do basquetebol na cidade de Porto Alegre, desde a emergência nos clubes na segunda metade da década de 1920 até a organização da Federação Gaúcha de Basquetebol no princípio da década de 1950.

A partir do eixo teórico-metodológico da História Cultural, este estudo se propõe a responder ao objetivo central por meio da consulta a jornais porto-alegrenses, almanaques esportivos, catálogo da Revista do Globo, livros comemorativos dos clubes e trabalhos de conclusão de curso de graduação e pós-graduação, além do acervo de entrevistas digitalizadas do Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física da UFRGS (CEME).

O tema tratado justifica-se pelo meu interesse na área, em função de ter uma trajetória ligada ao esporte, e mais especificamente ao basquetebol. Pelo fato de ser filho de professores de Educação Física, e meu pai treinador de basquetebol, estive em contato com o esporte desde a infância. Cresci jogando este esporte, e circulando pelos ginásios da cidade, ouvindo e testemunhando histórias. Junto a isso, e com igual importância, este trabalho se justifica pela ausência de estudos tratando da história do basquetebol porto-alegrense. Se já não é muito grande o número de pesquisadores sobre a história do esporte dentro da área da Educação Física, no caso deste esporte específico, este número se faz menor ainda. A busca por estudos que abordassem o tema do basquetebol em Porto Alegre foi feita através do Catálogo de Teses do IBICT e também nos periódicos classificados pelo indicativo de qualidade *Qualis* da CAPES. Não foram encontradas dissertações ou teses, nem artigos em periódicos nacionais, sendo que o único trabalho localizado foi o livro de Weis (1998), o qual registra a história do basquetebol na cidade de Santa Cruz do Sul, no estado do Rio Grande do Sul.

Tal carência de estudos, aliada ao meu envolvimento e à tradição deste esporte na cidade, que em determinado momento na história chegou a arrastar grande público aos ginásios e praças da cidade (BRAUNER, 2005), fizeram com que a proposta desta pesquisa alcançasse vãos, na perspectiva de preservar a memória do basquetebol em Porto Alegre.

Após este primeiro capítulo introdutório é apresentado o segundo capítulo intitulado Quadro Teórico, que apresenta os referenciais teóricos que foram adotados para uma melhor elucidação do tema a ser abordado e os conceitos norteadores do estudo. Tal capítulo se divide em três sub-capítulos: o primeiro - Pelos caminhos da pesquisa histórica; o segundo - Sob o olhar da História Cultural e o terceiro “Entre a História e a Memória”. À continuação, o capítulo três, denominado Procedimentos Metodológicos explica os caminhos percorridos para a construção da pesquisa. No quarto capítulo, intitulado “O esporte da bola ao cesto surge no cenário da cidade”, abordamos a capital do Estado, Porto Alegre, nas primeiras décadas do século XX, contextualizando as práticas esportivas da época e os primórdios do basquetebol na cidade. O quinto capítulo chamado “As praças tornam-se pólos da prática do basquetebol” mostra que a prática do basquetebol não se reduziu aos clubes, mas se estendeu para espaços públicos como as praças da cidade. O sexto capítulo – “A fase federada do basquetebol na cidade” – trata do processo de criação da Federação Gaúcha de Basquetebol e os significados da federalização do esporte.

2 QUADRO TEÓRICO

Nesta seção apresentamos os pressupostos teóricos norteadores do estudo. Ao aceitar o desafio da pesquisa historiográfica, se faz necessário compreender suas dimensões e conceitos. Por isso no primeiro sub-capítulo intitulado “Pelos caminhos da pesquisa histórica” as correntes do estudo da História e História do Esporte e Educação Física são abordadas de uma maneira geral. O segundo sub-capítulo chamado “Sob o olhar da História Cultural” tratará desta corrente de pesquisa bem como suas diferentes interpretações. No terceiro sub-capítulo nomeado “Entre a História e a Memória” serão abordados alguns conceitos de memória, que nortearão a análise dos dados da pesquisa.

2.1 Pelos caminhos da pesquisa histórica

O desafio de se pesquisar em História aumenta dia-a-dia, pois a história não pára, e mais do que isso, está sempre mudando. Por isso, compreender o passado se faz necessário para o entendimento da realidade atual. Hoje em dia os trabalhos ligados à História são bastante embasados teoricamente, o que se mostra importante para o processo de compreensão dessa história. Sim, porque atualmente existe um processo de mergulho dentro do estudo, visando entender não só como aconteceram os fatos, mas também o seu por que. Através de uma visão mais aprofundada do assunto, são buscadas as razões para tais acontecimentos. Os estudos não se limitam a um levantamento de datas, procuram na sociedade da época, nos costumes, nos personagens, os elementos para a reconstrução da história.

Para entendermos melhor esta ainda nova História Cultural, é necessário identificarmos seus precursores, as escolas que influenciaram essa nova corrente. Em um momento histórico em que os ideais positivistas eram muito questionados

nas ciências, a corrente dos *Annales*⁴ e a vertente neomarxista inglesa surgem como alternativas de uma idéia diferente de se fazer história e ciência. Por isso, é possível afirmar que foram responsáveis por impulsionar o surgimento da Nova História Cultural.

No contexto internacional da História, começou nos anos 1960 e 1970, um processo de mudança nos paradigmas existentes na época. O marxismo, que estava em voga no período, começava a ter alguns de seus conceitos bastante questionados por autores da própria corrente e também a partir da escola francesa dos *Annales*.

Os chamados neomarxistas ingleses passaram a combater a maneira ortodoxa como a corrente marxista interpretava a história, com sua visão classista. Os ingleses contrapondo o que consideravam uma postura positivista do marxismo, nas suas análises e interpretações, trouxeram para o estudo de classes a observação dos modos de vida, valores, ritos e hábitos (PESAVENTO, 2008). Quebrava assim, o predeterminismo a que estavam sujeitos os estudos até então, tratando a partir desse momento com experiências de classe em detrimento ao enfoque de lutas de classe.

Já a história social da corrente dos *Annales* trabalhava com a idéia da diferença, e não da contradição de classe. Entendiam nesse momento a crescente complexificação da realidade. Para o movimento dos *Annales*, diferente da interpretação marxista, a economia não desempenha um papel determinante no conjunto dos funcionamentos sociais. Defendem ainda, que a tarefa das ciências humanas é explicar o social na sua complexidade e não simplificando através de abstrações (BURKE, 2005).

Com o tempo, passou-se a perceber a história como uma área muito ampla, que permitia uma infinidade de conexões. Com isso, as correntes existentes passaram a ter suas idéias consideradas insuficientes para a análise de uma história cada vez mais interdisciplinar e abrangente. Os intelectuais voltaram-se para outras questões, que demandavam novos referenciais de análise. Isto gerou a crise dos paradigmas na história social, a qual desencadeou em novas tendências de abordagem, dentre elas a Nova História Cultural (PESAVENTO, 2008).

⁴ Por corrente dos *Annales*, entende-se o movimento surgido na França na década de 1930, divulgado por meio da Revista dos *Annales*, que exprimia uma nova tendência da historiografia em oposição aos ideais positivistas, dominantes na época (BURKE, 2005; PESAVENTO, 2004).

A História Cultural deixa de lado o viés marxista de classes, que tratava a sociedade como uma superestrutura que integrava a cultura, a qual por sua vez refletia o domínio das elites. Uma nova forma de a história trabalhar a cultura era proposta, através de um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo. Neste sentido surgem as formas simbólicas de expressão e tradução da realidade e deixa-se de lado a idéia de a história trabalhar com as certezas, passando a partir de então a se trabalhar com as dúvidas. A noção de uma voz como oficial é abandonada, dando lugar à idéia de que tudo pode ser contado de outra maneira, com outras versões (BURKE, 2005; PESAVENTO, 2008; CHARTIER, 2000).

Toda a concepção de história traz consigo um universo de representações, fruto do imaginário do tempo onde foi descrita, na forma como era vista, escrita e/ou entendida. As concepções de história do início do século XX, ou a forma como pensamos hoje é relacionada ao tempo em que vivemos. Quando fazemos uso de citações de autores contemporâneos para legitimar reflexões pessoais, reafirmamos o caráter da pesquisa histórica como um conhecimento em transformação, nunca baseado em concepções “estanques”, mas como um representante das mudanças nos paradigmas da ciência contemporânea. Isto nada mais é do que a visão da história como um processo, o qual engloba fatos, opiniões, transformações, estando atravessado por subjetividades e imerso em uma rede de aspectos culturais. Goellner (2000, p. 192), caminha no mesmo sentido ao colocar que:

Há que ter clareza que ao falar de história, estamos falando de homens e mulheres cuja ação cotidiana faz a história. Portanto, ao tematizarmos a memória ou, se preferirmos, a história (análise da Memória com base nos mais diferentes referenciais teóricos e pontos de vista), tornamos mais amplas as possibilidades de entender as ações concretas desses seres humanos e suas construções no decorrer do tempo.

Antes de aprofundarmos um pouco mais sobre o fio condutor deste estudo, a História Cultural, é interessante traçarmos um paralelo entre as mudanças na forma de se entender a História que acabamos de ver, com as tendências e correntes históricas para o esporte e para a Educação Física no Brasil. Nesta área de conhecimento, também é possível se perceber as adequações e transformações dos estudos às tendências de cada época.

Estudar a história do esporte significa estudar a história dos corpos em movimento através do tempo. Assim, o tempo é compreendido como um processo e as rígidas segmentações cronológicas perdem o sentido. Dessa forma são rompidas as concepções de perfeita alternância ou sincronia entre os padrões culturais que configuram, e por vezes, transpassam um determinado recorte temporal, sendo construídos e desconstruídos pelos sujeitos que nele viveram.

Porém, nem sempre foi assim. Como já foi dito anteriormente, no campo da Educação Física, a pesquisa histórica foi desenvolvida ao longo do tempo de formas muito distintas no Brasil, seguindo as tendências dos estudos históricos no mundo. Segundo Ferreira Neto (1996), é possível dividir, hipoteticamente, em dois momentos a pesquisa histórica na Educação Física. Em um primeiro período, que vai de 1930 a 1980, onde a História é tratada de forma episódica; e a partir de 1980 a concepção Marxista da História e a Nova História Cultural surgem como novas possibilidades de suporte para estudos nesta área.

A História Episódica, que predominou durante meio século nos estudos é aquela que trata o assunto de uma forma descritiva, privilegiando alguns pontos de interesse como a política, a narrativa dos acontecimentos, sempre enfocando a “visão dos de cima”. É o que se chama de visão tradicional, positivista, tratando basicamente com documentos escritos, desprezando totalmente procedimentos como as entrevistas, por exemplo. Neste período, sem dúvida o autor que mais se destaca é Inezil Penna Marinho. Ricardo Lucena (1997, p. 169-170), coloca muito explicitamente do que tratava a História da Educação Física no Brasil nesses primeiros momentos:

A preocupação única com a simples descrição beirando às vezes a ficção, associada a eventos mais ligeiramente perceptíveis fizeram da produção historiográfica no âmbito da Educação Física e Esportes no Brasil um ajuntamento de aforismas sobre os jogos Gregos, o Império Romano, a religiosidade da Idade Média, a educação física dos Índios no Brasil, etc. Nesse sentido o papel dessa visão foi, e tem sido, o da busca da descrição do fato da forma como aconteceu, e por isso justifica-se o recolhimento de documentos – todos preferencialmente oficiais – sem contudo se preocupar em estabelecer relações do texto com o contexto, em proceder a um estudo crítico do documento tratando, antes de desvelar a verdade, buscando a sua compreensão.

Já a concepção Marxista da História, segundo Ferreira Neto (1996) enfoca a realidade em sua gênese e movimento histórico; busca conhecer e compreender a

realidade como práxis; observa a unidade entre teoria e prática e considera as idéias como expressão das relações sociais e estas como expressões do modo de produção e das forças produtivas (p.95). A dissertação de Lino Castellani Filho (1988) foi dos primeiros trabalhos que ofereceram um contraponto à História Episódica, dentro da concepção Marxista.

Nas últimas décadas, os trabalhos na área da História do Esporte e Educação Física têm encontrado na História Cultural um importante alicerce que veio ao encontro de todas as noções modernas de esporte. Assim, a consideração de aspectos da cultura vem possibilitando outros olhares sobre os diferentes tipos de práticas corporais em relação aos fatos passados.

Nesse sentido, caminham autores como Victor Andrade de Melo, com seu estudo sobre o turfe e o remo no Rio de Janeiro (MELO, 2001), Ricardo de Figueiredo Lucena, que também estudou os primórdios do esporte no Rio de Janeiro (LUCENA, 2001) e Silvana Vilodre Goellner (1999), tratando de questões de corpo e gênero, entre outros estudos, vêm a somar forças neste diálogo da História com o Esporte e a Cultura. Cabe destacar também, trabalhos relacionados ao grupo de pesquisa ao qual este estudo está vinculado⁵. As pesquisas da professora Janice Zarpellon Mazo (2003, 2007) que tratam da história do esporte e da Educação Física no Estado do Rio Grande do Sul alinham-se da mesma forma às atuais tendências dos estudos históricos.

Entendendo-se cultura como a forma de expressão simbólica da tradução da realidade, a História Cultural surge como uma nova forma de a história trabalhar a cultura (PESAVENTO, 2008). Isso mostra, como já foi visto anteriormente neste capítulo, que a cultura já vinha sendo trabalhada pela história de outras formas, com abordagens completamente diferentes. A grande diferença desta nova corrente da História na Educação Física é justamente o mergulho que se faz dentro da cultura, valendo-se dentre outros recursos, do diálogo interdisciplinar.

⁵ O presente estudo está vinculado ao projeto de pesquisa mais amplo intitulado “Memórias do Esporte e da Educação Física no Rio Grande do Sul: estudos históricos” do Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte e da Educação Física (NEHME) da Escola de Educação Física (ESEF) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

2.2 Sob o olhar da História Cultural

A Nova História Cultural, segundo Burke (2005), se interessa por toda a atividade humana, partindo do princípio de que tudo tem história. Amplia as possibilidades do uso de fontes, inclusive orais e visuais, considerando irreal a objetividade absoluta. Em seu estudo sobre a História da Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD), Victor Melo (1996, p. 70) justifica seu trabalho dentro dessa nova concepção colocando que “objetivava fugir de uma visão histórica linear, pautada numa compreensão simplista causa-conseqüência, procurando fugir de verdades estabelecidas”. Mostra com isso a concepção de que o estudo deve contribuir para a análise crítica e compreensão do objeto estudado. Por outro lado é importante frisar que trabalhar com essa abordagem crítica não significa abandonar ou não dar importância para datas ou fatos, mas sim, tirar deles um pouco de seu caráter de atores principais. Trata-se de analisar cuidadosamente estudos históricos que se apresentam com um amontoado de datas e fatos agrupados cronologicamente. A questão não está em negar a importância da cronologia dos fatos, mas buscar avançar justo na compreensão de cada data e cada fato.

Para Barros (2007) a História Cultural é aquele campo do saber historiográfico atravessado pela noção de cultura. O fato de se ter a cultura como ferramenta de compreensão dos fenômenos históricos, diferencia esta corrente de suas antecessoras e a torna mais eclética, tanto no plano coletivo quanto no individual. Indo nesta mesma direção, Pesavento (2008, p. 15) coloca que “antes de tudo, trata-se de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para expressar o mundo”.

Para Chartier (1996) o objeto desta forma de se fazer História é identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade cultural é construída, pensada, dada a ler (p.17).

Ao se observar um determinado tema sob o prisma da História Cultural, algumas categorias básicas necessariamente devem ser compreendidas. Neste estudo especificamente serão de grande importância os conceitos e noções sobre práticas culturais e representações culturais.

A noção de prática cultural deve ser pensada não apenas em relação à produção cultural, mas também em relação aos usos e costumes que caracterizam a sociedade examinada em determinado estudo. São práticas culturais não apenas uma técnica artística, a criação de um livro ou uma modalidade de ensino, mas também os modos como em uma dada sociedade, os homens falam e se calam, comem e bebem, sentam-se e andam, conversam ou discutem (BARROS, 2004).

Para Falcon (2002) através das práticas culturais temos de certa forma, a cultura objetivada, sendo o conjunto de obras, realizações, instituições, que conferem originalidade e/ou autenticidade à vida de um grupo humano, inclusive seus usos e costumes, nem sempre imediatamente dados. De certa forma, é a condição que auxilia na diferenciação, na singularidade de determinadas culturas.

É difícil discutir e conceituar práticas culturais sem falarmos também de representações. Hunt (1992), por exemplo, afirma que todas as práticas, sejam econômicas ou culturais, dependem das representações utilizadas pelos indivíduos para darem sentido ao seu mundo. As representações, de certa forma, dão sentido às citadas práticas.

Antes de abordar o tema das representações, lembro a forma direta como Barros (2004) simplifica os conceitos, dizendo que as práticas relacionam-se ao fazer, enquanto que as representações relacionam-se ao representar. Assim, as práticas podem se referir aos modos de vida, aos comportamentos dos homens nas suas relações mútuas ou nas suas relações com a natureza, aos sistemas normativos que regem os relacionamentos sociais e funcionais, às técnicas (procedimentos para a produção de objetos culturais, se fazer algo), ou às práticas culturais específicas (leitura de um livro, escrita, oração, realização de um jogo). No âmbito das representações, pode-se ir para além das representações sociais, podendo se referir a imagens e a símbolos, que correspondem à possibilidade de se associar uma imagem a um conceito.

O conceito de representação, tido como categoria central da História Cultural, foi incorporado pelos historiadores a partir de Marcel Mauss e Emile Durkheim no início do século XX. A partir de seus estudos, observou-se que indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais e culturais,

dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real (PESAVENTO, 2008).

Interessante observarmos que a representação cultural por exemplo, envolve processos de percepção, identificação, reconhecimento, classificação e exclusão. Não se trata da cópia do real, sua imagem perfeita, seu reflexo fiel, mas uma construção feita a partir dele. Cabe colocar, que alguns importantes autores compartilham desta idéia de que as representações se inserem em regimes de verossimilhança e de credibilidade, e não de veracidade. Além disso, as representações trazem consigo também muita carga simbólica, dizem muito mais do que aquilo que mostram, carregando sentidos construídos social e historicamente (CHARTIER, 1996; PESAVENTO, 2008).

A partir disso, Pesavento (2008, p. 43) joga bem com as palavras ao colocar que “a História Cultural se torna assim, uma representação que resgata representações, que se incumbe de construir uma representação sobre o já representado”. A tarefa do Historiador da Cultura, portanto, é ir ao encontro das representações antigas, quando os homens agiam, falavam e construíam representações do mundo estranhas aos nossos códigos e valores.

2.3 Entre a História e a Memória

Uma das motivações que envolvem esta pesquisa é o fato de não haverem estudos sobre o basquetebol que dedicaram atenção à sua história no Rio Grande do Sul, e mais especificamente em Porto Alegre. Com isso, o tempo vai se encarregando de deixar fatos, acontecimentos, personagens e locais cada vez mais distantes. Junto a eles, memórias de tempos já passados também vão se perdendo, o que torna essa reconstrução necessária e muito relevante.

Segundo Pesavento (2008) a História e a Memória são sempre narrativas que se propõem uma reconstrução do passado e que se poderia chamar de registro de uma ausência no tempo. Enquanto representação, a Memória permite que se possa lembrar sem a presença da coisa ou da pessoa evocada, simplesmente com a presença de uma imagem no espírito e com o registro de uma ausência dada pela

passagem do tempo. Ou seja, corroborando com o anteriormente citado, a autora reforça essa possibilidade de a Memória trabalhar com o que não necessariamente está palpável diante de nós. A mesma autora afirma que a contrapartida da Memória é o esquecimento, justamente o que estudos como este visam evitar.

Tendo em vista que a relação do presente com o passado se torna cada vez mais distante no transcorrer do tempo, Chartier (1996) sustenta que a memória deve ser considerada matriz da história, na medida em que permanece guardiã da problemática da relação representativa do presente com o passado. Caminhando nesse mesmo sentido, Halbwachs (1994, p. 31) nos traz a idéia de que “[...] a memória não revive o passado, mas o reconstrói”.

Essa reconstrução do passado que se busca através do trato com a Memória, se mostra necessária, pois como defende Pollack (1992) o ser humano, cada indivíduo só é o que é porque se conta uma história. Pouco importa, aliás, se essa história seja verdadeira ou falsa. Michel Foucault e historiadores da ciência como Thomas Kuhn, para citar alguns nomes, sempre insistiram nessa necessidade de contar. Um amor só existe porque ele se diz, assim como uma amizade só existe porque diz o que ela é. Com um país, uma cidade é a mesma coisa.

Ao tratarmos no caso específico deste estudo com memórias de uma prática esportiva em uma cidade, há que se ter clareza de que a memória envolvida trará visões de diversos personagens inseridos em variados contextos. Rousso (1996) cita que:

A memória [...], é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional (p.94).

É por isso que, a priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas a memória “deve ser entendida também, ou, sobretudo, como um fenômeno coletivo ou social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes” (HALBWACHS, 1994, p.65).

Pollack (1992), também traz contribuições sobre as características individuais e coletivas da memória, ao afirmar que:

Os elementos constitutivos da memória individual e coletiva são em primeiro lugar os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar são os fatos “vividos por tabela”, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São episódios dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que no imaginário tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou deles ou não. A esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo (p.201).

Ainda dentro desta dualidade e percepções a respeito da memória individual-coletiva Halbwachs (1994) sustenta que há um trânsito constitutivo entre o social e o individual que ajuda a compreender simultaneamente a mente e a sociedade. Por meio de análise, este conceito permite mapear as instâncias, eventos, equipamentos e momentos em que os quadros sociais da memória se constituem e se realizam historicamente. Além disso, estes estudos sublinham a dependência entre passado e presente. A forma com que o passado é composto por operações do tempo presente, só permanece o que a sociedade, em cada era, é capaz de reconstruir dentro do seu próprio quadro contemporâneo de referências.

Olhando o mesmo fenômeno sob uma ótica diferente, Le Goff (2003) trata a memória como fenômeno individual e psicológico, mas que também se liga à vida social. O mesmo autor considera a apreensão da memória como “a aquisição de regras de retórica e também de posse de imagens e textos que falam do passado, em suma, de certo modo de apropriação do tempo. As direções atuais da memória estão, pois, profundamente ligadas às novas técnicas de cálculo, de manipulação da informação, do uso de máquinas e instrumentos, cada vez mais complexos” (p.419).

Até agora muito falamos a respeito da memória como algo subjetivo, sujeito a variados tipos de interferências como o passar do tempo, mudanças na sociedade e nos personagens. Mas Pollack (1992) olha sob um diferente prisma, afirmando que mesmo que a memória traga estas características já citadas, também possui algo de rígido ou imutável:

Se destacamos essa característica flutuante, mutável da memória, tanto individual quanto coletiva, devemos lembrar também que na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente imutáveis ou invariantes. Todos os que já realizaram entrevistas de história de vida percebem que no decorrer de uma entrevista muito longa, em que a ordem cronológica não está sendo necessariamente obedecida, em que os

entrevistados voltam várias vezes aos mesmos acontecimentos, há nessas voltas a determinados períodos da vida ou a certos fatos, algo de invariante. É como se, numa história de vida individual (acontece igualmente em memórias construídas coletivamente) houvesse elementos irredutíveis, em que o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças. Em certo sentido, determinado número de elementos tornam-se realidade, passam a fazer parte da própria essência da pessoa, muito embora outros tantos acontecimentos e fatos possam se modificar em função dos interlocutores, ou em função da situação do momento (p. 202).

O fato é que as pessoas, os personagens são peças fundamentais ao tratarmos da memória. É possível falar de personagens realmente encontrados no decorrer da vida, outros freqüentados indiretamente, mas que por assim dizer, tornaram-se como conhecidos, e ainda aqueles que não pertenceram necessariamente ao espaço-tempo vivido pela pessoa. Mas além dos acontecimentos e dos personagens, podemos finalmente arrolar os lugares. Pollack (1992) fala em lugares de memória que podem estar ligados a diferentes tipos de lembranças, desde a infância ou mesmo lugares de comemoração. E ao tratarmos da memória de uma cidade estamos tratando de seus lugares também.

Michel de Certeau (1982) traz interessante argumento sobre a memória da sociedade, dos lugares ao afirmar que:

Antes de saber o que a história diz de uma sociedade, importa analisar como ela funciona. Essa instituição se inscreve num complexo que permite apenas um tipo de produção e proíbe outros. Tal é a dupla função do lugar: ele torna possíveis algumas pesquisas em razão das conjunturas, das problemáticas comuns, mas torna outras impossíveis; ele exclui do discurso o que é sua condição num momento dado, desempenha o papel de uma censura em relação aos postulados presentes (sociais, econômicos, políticos) da análise. Não se pode guardar tudo; as cidades e os lugares têm que se transformar, mas, por outro lado, claro que necessitamos ter signos que nos façam recordar nossa própria identidade e a própria identidade do passado ligado a tais cidades e lugares (p.112).

Ao pesquisar memórias de uma prática em determinado lugar, neste caso uma cidade, o que se trará será sempre uma reconstrução narrativa do acontecido, trabalhando no terreno aproximativo, o que não corresponde a uma visão da memória necessariamente como um relato do verdadeiro. Estamos tratando de uma representação do passado e de uma maneira específica de relacioná-la com o real. Nesse contexto, ganham valor os fragmentos, as informações, a linguagem, as formas de identificação coletivas e, sobretudo as narrativas sobre a memória, com

as quais o passado adquire certa tangibilidade e permite a formação de uma imagem fluída, ampla, de complexidade variável (HALBWACHS, 1925; PESAVENTO, 2008).

Uma vez tratados os conceitos e concepções de História que serão operacionalizados no estudo, passamos a seguir a apresentar os procedimentos metodológicos da pesquisa.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção trago a metodologia do estudo apresentando a natureza da investigação, procedimentos e fontes que utilizamos. No momento em que se decide fazer algo, é necessário escolher os modos de fazer, municiar-se dos instrumentos necessários e planejar sistematicamente este fazer. Para se atingir com menos riscos e desacertos uma finalidade, é imperioso buscar conscientemente um conjunto de metodologias, de instrumentos e modos de fazer (BARROS, 2007). Com base nisto, apresentaremos neste capítulo os procedimentos metodológicos para o estudo.

A pesquisa tem natureza qualitativa, que conforme Minayo (1994, p.22) “trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, ou seja, responde a questões mais profundas das relações, dos processos e fenômenos, que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. O conceito de Minayo justifica a natureza deste estudo que visou compreender como uma prática esportiva se constituiu no cenário de uma cidade. A idéia de compreensão de um fenômeno amarra o tipo de estudo na vertente qualitativa.

A metodologia está sustentada em fontes impressas e, depois de realizadas as coletas das informações, estas foram submetidas à análise documental (BARDIN, 2000). Foram consultadas as principais fontes impressas que remetem à temática escolhida dentro do recorte temporal do estudo. Nesse aspecto foram percorridos diversos tipos de fontes impressas: revistas, jornais, livros comemorativos dos clubes esportivos, almanaques, monografias, dissertações e teses.

A difusão e conhecimento do basquetebol entre a população aconteceu em grande parte devido ao papel da imprensa na época, sendo este fato determinante na escolha de jornais e revistas como fontes primárias do estudo. Ao longo da construção do trabalho, foi possível identificar a destacada função dos órgãos de imprensa porto-alegrenses no impulso ao basquetebol da cidade (BRAUNER, 2005).

É importante citar que, ao falar da imprensa no Rio Grande do Sul, sua história se confunde com a empresa Caldas Júnior e o Jornal Correio do Povo. Em 1936, devido ao sucesso de alguns periódicos da época que davam destaque a editoriais alternativos, como moda, esporte e sociedade, a empresa Caldas Júnior

lança a Folha da Tarde, um vespertino inspirado no jornal “A Crítica” de Buenos Aires e nos jornais da tarde de Londres. A Folha da Tarde era um jornal tablóide, anunciado como moderno e independente, trazendo informações sobre esportes, competições, equipes e atletas.

Devido ao sucesso e ao grande interesse que a sociedade já demonstrava no assunto, em 1937 o jornal Correio do Povo lança uma publicação específica sobre o esporte, chamada “Folha da Tarde Esportiva”. Conhecida como “Folha da Tarde”, a partir de 1949 começou a circular diariamente, sendo um dos maiores meios de fomento e divulgação do esporte na sociedade porto-alegrense da década de 1950.

Além dos periódicos da empresa Caldas Júnior, dois outros jornais também se destacavam e serviram como fontes para o estudo: o Diário de Notícias, centralizado mais em Porto Alegre, e o Última Hora ⁶ que tinha uma linguagem mais populista, fazendo sucesso entre as camadas menos favorecidas da sociedade.

No processo de levantamento de informações diversas visitas foram feitas ao Museu de Comunicação Hipólito José da Costa⁷, onde a pesquisa foi feita no acervo dos diferentes jornais já citados, em suas edições correspondentes ao recorte temporal do estudo. Foram encontrados dados a respeito da prática do basquetebol e da organização dos esportes de uma maneira geral na cidade de Porto Alegre. Mais de 250 reportagens foram selecionadas das edições antigas dos jornais, compreendendo os anos 1930, 1940 e parte dos anos 1950. Cabe ressaltar que o número expressivo de reportagens não reflete a qualidade das mesmas, onde muitas vezes traziam apenas sinopse de datas e resultados, ou informações irrelevantes para o caráter deste estudo. Isto gerou uma dificuldade em extrair e se trabalhar com as informações dos jornais em relação ao que se planejava previamente nesta pesquisa.

A Revista do Globo foi consultada, através do Catálogo do Esporte e da Educação Física na Revista do Globo (MAZO, 2004) por se tratar de uma fonte interessante para o conhecimento da expressão de identidades culturais de Porto Alegre, uma vez que tratava de assuntos como literatura, artes, esportes, culinária, moda, entre outros. Nesta revista, que se encontra digitalizada para prévia

⁶ O Jornal Última Hora a partir de 1964 foi substituído pelo atual jornal Zero Hora, pertencente ao Grupo Rede Brasil Sul de Telecomunicações (RBS).

⁷ Situado na Rua dos Andradas, 959, no Bairro Centro de Porto Alegre. Trata-se de uma instituição cultural voltada para a conservação, a pesquisa e a divulgação da história da Comunicação Social no Rio Grande do Sul.

visualização em formato de CD-ROM, foram selecionadas todas as reportagens ou citações à prática do basquetebol na cidade de Porto Alegre ou à modalidade em questão de uma maneira geral. Deste trabalho de levantamento de fontes resultou 42 reportagens, com a primeira citação ao basquetebol aparecendo no fascículo número 74 em 1931 até a última, encontrada no fascículo de número 703 do ano de 1957. É compreensível o pequeno número de reportagens encontrado, considerando-se que a revista não tratava apenas da temática do esporte, senão que envolvia outras questões também, tanto culturais como de lazer.

Outra fonte consultada foi a “Revista Educação Physica”, uma revista mensal sobre esportes e saúde, disponível para consulta na biblioteca da Escola de Educação Física da UFRGS. Neste acervo, foram encontradas 38 reportagens em diferentes edições da revista, que datam desde o ano de 1931 até o ano de 1945. O grande valor encontrado nas reportagens desta revista foram as imagens, que permitiram uma melhor compreensão à respeito da evolução dos equipamentos, assistência aos jogos e características dos locais onde se dava a prática do basquetebol. Em matéria de texto, a revista se caracterizava por trazer reportagens de cunho mais técnico do esporte em si, como a explicação de regras e um pouco sobre métodos de treinamento.

Almanaques foram importantes por trazerem uma visão diferente dos jornais, fornecendo ainda informações de campeonatos, bem como dos mais diferentes esportes. Exemplo disso é o Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul, organizado pelo jornalista José Ferreira Amaro Júnior, que também se encontra disponível para consulta na biblioteca da Escola de Educação Física da UFRGS e no memorial da SOGIPA. A pesquisa com os almanaques apresentou as primeiras referências ao basquetebol na edição de 1942, sendo que até a última edição em 1950 sempre apresentou reportagens ou páginas dedicadas ao “esporte da bola ao cesto”, expressão muito utilizada na época para designar o esporte.

No total, 55 reportagens, textos ou imagens foram encontrados nos almanaques. Considero o trabalho de José Ferreira Amaro Júnior de grande valia, pois em todas as edições ele trazia o que aconteceu de importante no ano sobre o basquetebol da cidade, bem como a apresentação dos resultados e galeria dos campeões em cada ano. Apesar disso, as reportagens e textos eram meramente

descritivas de resultados e datas, o que também acabou por dificultar a busca por evidências sobre o tema em estudo.

Além disso, as consultas em acervos particulares, arquivos públicos, bibliotecas, clubes, federações esportivas, fundações, memoriais e museus foram constantes na busca por indícios sobre o objeto de estudo. Nesta busca, as entrevistas disponibilizadas ao público pelo acervo digitalizado do Centro de Memória de Esporte da Escola de Educação Física (CEME) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul foram de grande valia no trato da memória. As entrevistas pertencem ao projeto Garimpando Memórias, que objetiva preservar e divulgar a memória do esporte, da educação física, do lazer e da dança no Brasil. Importante ressaltar que todos os documentos possuem autorização para o seu devido uso. Tais fontes orais contribuíram para uma compreensão de um tempo passado a partir de um olhar diferente do encontrado nas outras fontes consultadas, já descritas anteriormente. Foram analisadas quatro entrevistas de personagens envolvidos com o basquetebol e com o esporte de uma maneira geral nos anos 1940 e 1950. Foram eles:

a) Cleomar Pereira Lima: jogador e posteriormente treinador de basquetebol em Porto Alegre na década de 1950;

b) Renato de Souza Cardoso: presidente da Federação Gaúcha de Basquetebol de 1979 a 1982. Organizou o esporte na televisão e rádio em Porto Alegre, participando ativamente da vida esportiva desde a década de 1950;

c) Manoel Augusto de Godoy Bezerra: participou da criação da Federação Gaúcha de Basquetebol, dirigente muito ativo nas décadas de 1940 e 1950;

d) Paulo Dreyssig: jogador e posteriormente treinador de basquetebol da Praça Florida na década de 1950. Envolvido com o desenvolvimento do basquetebol nas praças de Porto Alegre;

Estes procedimentos metodológicos permitiram o alcance dos objetivos propostos no estudo. A seguir, uma revisão sobre a temática do basquete será apresentada, inicialmente observando a modalidade na esfera mundial até chegar ao âmbito local.

4 O “ESPORTE DA BOLA AO CESTO” SURGE NO CENÁRIO DA CIDADE

Para começar a pensar sobre basquetebol na cidade de Porto Alegre, é imperativo viajar no tempo, mais de um século atrás, onde temos na última década do século XIX, o surgimento deste esporte⁸. As práticas corporais e esportivas em Porto Alegre eram reduzidas nesse período. Uma cidade em expansão, com a sociedade fixando suas raízes à beira do Rio Guaíba, mas que ainda tinha estruturas arcaicas. A ginástica alemã, o remo, o ciclismo e as corridas de cavalo resumiam o panorama esportivo da cidade. O futebol, aos poucos ganharia espaço, mas mesmo assim apenas no início do século XX.

O Brasil foi um dos primeiros países a conhecer a novidade chamada basquetebol, ou simplesmente “o esporte da bola ao cesto”, como seguidamente o esporte era referido pelos jornais e revistas das primeiras décadas do século XX⁹. O esporte chegou ao país através de Augusto Shaw no final do século XIX, um norte-americano que foi convidado a lecionar no tradicional Mackenzie College, em São Paulo e trouxe consigo uma bola de basquetebol. A prática esportiva foi apresentada num primeiro momento para as mulheres, que imediatamente aprovaram o “novo” esporte. Isto atrapalhou um pouco a sua difusão entre os homens, devido aos valores machistas que imperavam na sociedade brasileira naquela época. Além disso, havia a concorrência do futebol, introduzido no Brasil em 1894, e que se tornou posteriormente a grande “coqueluche” entre os homens. Aos poucos o basquetebol começou a ter mais aceitação, tendo o primeiro torneio deste esporte ocorrido na cidade do Rio de Janeiro em 1912.

Apesar de no Brasil o esporte ter chegado cedo, ainda assim o basquetebol continuava sendo uma novidade para a maioria da população. Em outros países, as primeiras décadas do século XX mostram um exponencial desenvolvimento deste esporte, que começa a arrebanhar praticantes. Aproveitando o momento de conflito em que se encontrava o mundo, o basquetebol se valeu da primeira Guerra Mundial

⁸ O ano de 1891 é considerado como data de criação do basquetebol. O esporte começa a ganhar notoriedade ao ser aceito nos Jogos Olímpicos de *Sant Louis* em 1904, como modalidade de exibição. Sinal inequívoco de sua crescente popularidade, pois até então, o Barão Pierre de Coubertain era contra a inclusão de esportes coletivos nos Jogos (BETRÁN, 1993).

⁹ Em algumas fontes, como o Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul e a Revista de Educação Physica das décadas de 1930 e 1940 o esporte também é referido como “cestobol”.

(1914-1918) para se expandir por toda a Europa, por meio dos soldados americanos que difundiam o esporte nos lugares em que circulavam. Entre as décadas de 1930 e 1940 foi estabelecido um processo de institucionalização do basquetebol enquanto prática esportiva.

Na busca de compreender como se deu a emergência da prática do basquetebol nos clubes de Porto Alegre, se faz necessário primeiramente apresentar de forma breve a situação em que a cidade se encontrava nas primeiras décadas do século XX. Estudos realizados sobre a história do esporte (MAZO, 2003) e a prática do *turnen* (TESCHE, 1996) no Rio Grande do Sul apontam que na década de 1920 ocorreu a entrada de esportes como o basquetebol e o voleibol em clubes porto-alegrenses.

Os anos de 1920 no Brasil foram marcados por crises e pequenas rupturas que acabariam por concretizar a “Revolução de 1930”. Desde a criação do Partido Comunista Brasileiro em 1922, passando pela Semana de Arte Moderna no mesmo ano e a consolidação da cidade de São Paulo como pólo econômico e industrial do país são alguns dos acontecimentos que marcaram a década.

Na esfera política do Rio Grande do Sul, existia um domínio do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), alicerçado em ideais positivistas, em voga na época. Borges de Medeiros foi reeleito para a presidência do Estado do Rio Grande do Sul em eleições polêmicas que resultariam na Revolução de 1923. Essa revolução culminaria com reflexos nas administrações do Estado e, conseqüentemente, de sua capital também. Otávio Francisco da Rocha é empossado intendente de Porto Alegre, posto que ocupa de 1924 a 1928, e passa a direcionar sua ação política no sentido do desenvolvimento capitalista da cidade. O intendente desejava assegurar o crescimento econômico a partir da modernização da infra-estrutura urbana, como por exemplo, no âmbito da energia elétrica, transportes e vias de comunicação. Tal política, aliada a um novo modo de viver na capital, com modernos padrões de conduta e sociabilidade impulsionaram a criação de espaços urbanos na cidade, como parques, praças e avenidas (MONTEIRO, 1995).

Desde a virada do século, Porto Alegre cresceu rapidamente. Em 1925, estimava-se que contava com 200 mil habitantes, o que já a situava entre as grandes capitais do país. Com uma sociedade em ebulição cultural, onde cada vez

mais a inspiração para modos de vida e costumes eram influenciados pelos ingleses e franceses, a Porto Alegre “teuto-brasileira”, ou seja, marcada pela expressiva presença de imigrantes alemães e descendentes continuava forte. Essa imigração alemã ainda era responsável pelo crescimento industrial e comercial da cidade. Além disso, com o intuito de construir espaços para a sociabilidade e lazer a comunidade alemã fundou associações de caráter social e esportivo em número cada vez maior na cidade visando a preservação dos seus costumes (MAZO, 2003).

As associações permitem que práticas esportivas ganhem força e tradição na capital, tornando-se alternativas de lazer, inicialmente para a comunidade alemã. Mazo (2003) comenta que o futebol também teve sua emergência nas associações vinculadas à elite teuto-brasileira. Data do início da década de 1920 o primeiro campeonato gaúcho de futebol, reunindo clubes das cidades de Porto Alegre, Pelotas e Livramento, o que indica um crescimento significativo do esporte no Estado. Também o remo e o turfe tinham presença importante, onde desde a virada do século já existiam lugares para as suas práticas na cidade. Foi nesse contexto social, político e esportivo, que o basquetebol começou a figurar como prática esportiva nos clubes de Porto Alegre e conquistou ascensão nas décadas seguintes.

Para uma melhor compreensão dos fatores que contribuíram para a promoção do basquetebol na sociedade porto-alegrense cabe abordar primeiramente a fase conturbada pela qual o país, e conseqüentemente a cidade passaram com o processo de nacionalização durante o Estado Novo (1937-1945).

A década de 1940 se inicia no campo político em pleno governo do chamado Estado Novo de Getúlio Vargas, que tomou o poder em 1937 e instaurou a partir de então, uma série de medidas que mergulharam o país em um regime de autoritarismo. Desde a oficialização de uma nova constituição federal, passando pela suspensão das eleições, fechamento do congresso nacional, proibição dos partidos, até chegar à censura da imprensa, o novo regime passou a estabelecer normas para o país que envolviam o controle ideológico da população. Através de mecanismos de coação e repressão, o governo mantinha seus ideais frente ao país.

Em Porto Alegre durante o Estado Novo, o nome de Loureiro da Silva, prefeito na gestão de 1937-1943, ganha destaque. Trata-se do prefeito mais importante da

década, pois foi o que se sustentou por mais tempo como mandatário da cidade¹⁰. Fiel seguidor do momento político vivido pelo país programou uma série de ações com profundas repercussões no espaço urbano, passando a ser conhecido como o “modernizador de Porto Alegre” (GERTZ, 2005). O governo de Loureiro da Silva administrou uma cidade em pleno crescimento populacional e econômico, que apresentava índices positivos de crescimento no tocante à saúde pública, indústria, construção civil, saneamento, transportes urbanos e às obras de urbanização (MONTEIRO, 2006).

A cidade contava no início da década de 1940, com uma população de cerca de 350 mil habitantes. A paisagem urbana nesse período passou por grande remodelação, com a realização de obras viárias, criação de áreas verdes (parques e praças), a canalização do arroio Dilúvio, a urbanização da orla do Rio Guaíba, o início da verticalização do Bairro Centro, a reorganização administrativa, e a construção de vários prédios públicos, como por exemplo, o Hospital de Pronto Socorro e o Mercado do Bom Fim. Com tantas mudanças, Porto Alegre deixou de ser uma cidade provinciana para tornar-se uma metrópole moderna (MONTEIRO, 2006).

Apesar disso, o centro da cidade continuava a ser o seu coração sócio-cultural, onde a população passeava e se encontrava entre bares e cafés, livrarias e hotéis. A Rua da Praia era a principal artéria do centro da cidade, e concentrava os pontos de encontros. Monteiro (2006) afirma que:

Desembargadores, advogados, médicos, engenheiros, jornalistas, profissionais liberais, funcionários públicos, estudantes da Universidade de Porto Alegre e Faculdade de Ciências Políticas e econômicas circulavam nos cafés, que eram espaços de sociabilidades masculinas das elites e camadas médias urbanas. Todo cidadão de destaque social devia freqüentar ao menos esporadicamente esses locais para ver os seus pares e ser visto (p. 42).

Além dos cafés, os hotéis também eram importantes espaços de sociabilidade, pois hospedavam as personalidades políticas, jornalistas, músicos e artistas. Se no Café Colombo e no Café Central era possível encontrar a elite da cultura da capital, nos hotéis como o Grande Hotel, Novo Hotel Jung, Hotel Carraro,

¹⁰ Após Loureiro da Silva (1937-1943), na década de 1940 sete prefeitos tomaram posse na cidade, nenhum com mandato superior a dois anos. Fonte: site da Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

entre outros, era possível se deparar com a cultura dos personagens que estavam de passagem pela cidade.

Outro cenário deste círculo cultural da cidade eram as livrarias. A Rua da Praia pela importância que vimos anteriormente concentrava a maioria delas, com destaque para a Livraria Universal e a Livraria Americana. Porém, era a Livraria do Globo, que tinha o maior *glamour* e marcou o destino de toda uma geração de intelectuais gaúchos entre nas décadas de 1930 e 1940 (TORRESINI, 1999).

Como pólos culturais de uma cidade em efervescente crescimento e modernização, era comum que nos locais de encontro e bate-papo da cidade, como cafés, hotéis e livrarias do centro, abordassem, além de questões do cotidiano da população, acaloradas discussões sobre a situação do país. O fato é que um dos contextos que influenciaram bastante a década foi a política externa do Brasil.

No período anterior a Segunda Grande Guerra, Alemanha e Estados Unidos disputavam a primazia para acordos comerciais com o Brasil. Rolim (2008) afirma que a partir da década de 1940 os americanos conseguem dominar o plano cultural e comercial das relações com o Brasil. Lembra ainda, que devido à forte presença de imigrantes alemães e seus descendentes em Porto Alegre, a influência germânica ainda resistiu fortemente por alguns anos, esmorecendo apenas após medidas punitivas implantadas pelo Estado Novo.

A cultura americana passava a ter uma influência importante sobre a população. Através do cinema, o modo de ser americano era difundido, e os astros *hollywoodianos* cada vez mais ditavam a moda na capital gaúcha. Existia um imaginário de uma *Broadway* gaúcha, alimentado pelo incentivo à industrialização e ao consumo, como atestam as reportagens da Revista do Globo (TORRESINI, 1999). A cidade abrigava um contingente cada vez maior originário do campo, que ouvia o anúncio de dias melhores em razão da industrialização (ROLIM, 2008).

Essa americanização de nossa sociedade é trazida a este capítulo por acreditarmos que possa ter influenciado na ascensão de práticas esportivas relacionadas aos Estados Unidos em nossa cidade, sendo o basquetebol uma delas. Acreditamos que esse panorama político e cultural da cidade e do país possa ter colaborado para que o basquetebol passasse na década de 1950 a figurar entre as práticas esportivas preferidas da população.

O basquetebol se manifestava apenas em clubes, mas também em outra esfera, as praças públicas. No próximo capítulo, abordamos como as praças públicas tornam-se pólos da prática de basquetebol em Porto Alegre.

5 AS PRAÇAS TORNAM-SE PÓLOS DA PRÁTICA DO BASQUETEBOL

Historicamente os clubes esportivos foram os responsáveis pela disseminação das práticas esportivas formais na cidade. Mas isso não quer dizer que fossem os únicos locais a fomentarem o esporte ou a estimularem as manifestações esportivas. Em seu estudo sobre as praças de Porto Alegre, Cunha (2009) refere à utilização do tempo livre para as práticas culturais e dos lazeres pela população como consequência da Revolução Industrial no mundo ocidental. Isto se reflete nas praças de Porto Alegre, espaços que até então eram utilizados apenas para passeios da população, e sofrem uma transformação de seu significado, passando a sediar práticas corporais e esportivas no seu terreno.

Estamos falando de meados dos anos 1920, período em que a prefeitura de Porto Alegre observando o incremento das práticas nas praças da cidade passou a denominar algumas delas de Praças de Desporto¹¹, contando com o trabalho de instrutores de Educação Física, e estimulando as práticas corporais e esportivas nestes ambientes. Isto torna-se interessante para a massificação de diversos esportes, pois representa um espaço de mais fácil acesso em relação aos clubes, que como vimos anteriormente, muitas vezes, era fechado, elitista, ou exclusivo a descendente de italianos, alemães ou portugueses, por exemplo. As praças passam então, a representar uma alternativa para quem queria praticar esportes, mas não se encaixava por um motivo ou outro nos clubes esportivos. Em sua entrevista, que consta no arquivo do CEME, Cardoso (2002) ressalta isso ao afirmar que:

“as praças tiveram uma atuação excepcional, porque elas pegaram aquela categoria pobre, os garotos pobres, os garotos de cor, que infelizmente, em função de uma série de coisas não podiam entrar nos clubes, que eram mais elitistas e fechados”.

Após os primeiros anos quando as praças se estruturaram dentro da nova perspectiva, a formação de equipes competitivas passou a acontecer e partidas de voleibol, futebol e basquetebol ocorreram entre as praças. É possível destacar quatro praças que desde a transformação destes locais em cenários do esporte na cidade aparecem com frequência como espaços organizados e mais adiante com

¹¹ As Praças de Desportos passam a ser utilizadas também pelas escolas, tornando-se uma extensão das mesmas, passando a chamar-se então Praças de Educação Física (CUNHA, 2009).

equipes fortes de competição: praça General Osório¹², conhecida como Alto da Bronze; praça General Pinheiro Machado¹³; praça Bartolomeu de Gusmão¹⁴, mais conhecida como Florida; e praça Doutor Montauray¹⁵ (CUNHA, 2009).

É no começo dos anos 1930, portanto, que o esporte passa a ser mais organizado nas praças, tendo Cunha (2009) encontrado em seu trabalho referências a eventos esportivos realizados nesses locais a partir de 1938. A autora cita os exemplos do Campeonato Popular de Basquete, o Torneio de Basquete e Vôlei da Praça Doutor Montauray e o Torneio Universitário de Football todos ocorridos nesse mesmo ano.

Cardoso (2002) que testemunhou o crescimento das práticas esportivas nas praças destaca a importância e a qualidade do trabalho feito pelos professores de Educação Física que atuavam nestes locais da cidade:

Havia o Departamento Municipal de Recreação e Esporte da Prefeitura, que organizava torneios de esportes como futebol, basquete e vôlei nas praças. Então, cada praça tinha dois, três professores de Educação Física, tinha material para que trabalhassem [...] E grandes professores de Educação Física foram professores de praça. Um exemplo desse sucesso é que quando os jogadores começavam a aparecer, os clubes mandavam olheiros para pegar jogador na praça. Quer dizer, as praças ajudavam também aos clubes nesse sentido, faziam surgir possibilidades de novos jogadores, jovens, etc.(p. 23).

Até o começo dos anos 1950, os grandes campeonato oficiais de basquetebol adulto eram exclusividade dos clubes esportivos em Porto Alegre, que possuíam além dessa, que é a principal categoria do esporte, elencos que disputavam categorias menores como infantil (até 15 anos) e juvenil (até 18 anos). Paralelamente a isso, nas praças da cidade ocorriam outros torneios menores chamados inter-praças, organizados pela prefeitura e que representavam uma alternativa para quem não jogava nos clubes. Ao mesmo tempo, sob a ótica dos clubes esportivos, serviam como base para a formação de atletas que mais adiante

¹² Praça situada na zona central de Porto Alegre, próxima à Catedral Metropolitana e ao Palácio do Governo do Estado.

¹³ Praça situada no bairro São Geraldo, na zona norte de Porto Alegre, próxima à avenida Farrapos.

¹⁴ Praça situada no bairro Floresta, na zona norte de Porto Alegre, próxima à avenida Farrapos.

¹⁵ Praça situada no bairro Moinhos de Vento em Porto Alegre, próxima à avenida Independência.

viriam a representá-los nos campeonatos municipais e estaduais. Dreyssig (2003) relata que:

Naquele tempo tinham os campeonatos inter-praças, que eram a única maneira que se podia disputar um campeonato pela prefeitura, entre as praças - onde se destacavam as praças Florida, General Osório e Pinheiro Machado. Então se criou uma rivalidade entre a General Osório e a Florida. A General Osório forjava atletas para o Esporte Clube Cruzeiro¹⁶ que era nosso rival naquela época, então a Florida disputava com a General Osório a maioria dos campeonatos, tanto no infantil quanto no juvenil, já que adulto ainda não havia (p. 4).

Porém, dentre as diversas praças de Porto Alegre, uma delas alcançou um maior destaque no cenário esportivo da cidade: a Praça Bartolomeu de Gusmão, mais conhecida apenas como Praça Florida. Localizada na zona norte da capital, a Florida sempre teve uma movimentação esportiva intensa. No que diz respeito à infra-estrutura para a prática do basquetebol, que era a modalidade preferencial dos usuários (DREYSSIG, 2003; CARDOSO, 2002), a praça possuía uma quadra de areião, ou seja, o pó de tijolo chamado de saibro, cujas linhas que delimitavam as marcações da quadra eram feitas de tijolos enterrados, pintados de branco.

Sucessivamente haviam times representando a Florida em campeonatos inter-praças, organizados pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, nos quais a praça se destacava, ao lado da Praça General Osório (Alto da Bronze) e da Praça Pinheiro Machado (FOLHA ESPORTIVA, 13 de agosto de 1959). Esta rivalidade no plano das praças em Porto Alegre se mostrava muito intensa, em especial no caso da praça Florida e Alto da Bronze. A competitividade, somada ao grande interesse da comunidade que circundava a Florida pelo basquetebol, fez com que esta praça fosse considerada diferenciada em relação às outras.

Em 1948, a praça filia-se a Federação Atlética do Rio Grande do Sul e começa a disputar o campeonato cidadão nas suas diversas categorias com o nome de Florida Atlético Clube. O basquetebol ganha um *status* diferente na praça, fazendo com que o esporte se firme como uma prática tradicional no local. Paulo Dreyssig (2003), que foi atleta atuante nos momentos de maior sucesso da Florida conta em sua entrevista ao CEME os primórdios do esporte na praça:

¹⁶ Esporte Clube Cruzeiro, clube fundado em 1913, com grande tradição no basquetebol de Porto Alegre.

[...] começou com uma gurizada de bairro, todos morávamos por perto e começamos a jogar juntos umas peladas¹⁷ de basquete na praça. Aquilo foi evoluindo até que a Dona Erna Leão, uma moradora vizinha da praça, torcedora muito ferrenha e atuante fez muita força para que nos filiássemos à FARG e acabou acontecendo (p. 4).

Este testemunho de quem foi personagem ativo durante os anos de estruturação da praça enquanto local de prática esportiva na cidade, mostra como o esporte dependia nessa época de iniciativas individuais, ou muitas vezes de algumas pessoas para ser organizado. A partir disso, é possível observar que o crescimento da praça Florida no cenário do basquete não partiu de um reconhecimento do órgão esportivo competente da época, senão que se deu pelo caminho contrário, em uma manifestação por parte da própria comunidade envolvida com a praça de mostrar seu trabalho, partindo para uma filiação a FARG, passando a se tornar parte do circuito oficial do basquetebol na cidade.

A partir disso, melhorias são providenciadas na praça, pelo fato do local passar a receber partidas oficiais. São instaladas arquibancadas ao redor da quadra, que tem seu piso pavimentado com cimento. A “pracinha”, como era chamada, tinha muitos torcedores, que lotavam sempre as arquibancadas. Muito pelo fato de não haver equipes de basquetebol na zona norte de Porto Alegre, a praça contava com muitos simpatizantes. Para Dreyssig (2003) “a praça influenciou na vida de muita gente, que mais do que Grêmio¹⁸ ou Internacional¹⁹, o pessoal das redondezas era fã da pracinha Florida” (p. 6). A imagem 1 trazida a seguir, mostra uma disputa de bola em um jogo entre o Florida A. C. e o Grêmio, no ano de 1953, onde é possível ver a quadra da praça, situada entre árvores e edifícios (ao fundo na foto), já com a arquibancada ao seu redor, com grande presença de público prestigiando a partida.

¹⁷ Refere-se a um jogo informal de basquete, descontraído e normalmente jogado entre amigos.

¹⁸ Grêmio Football Portoalegrense, clube tradicional da cidade e de grande torcida, fundado em 15 de setembro de 1903.

¹⁹ Sport Club Internacional, clube tradicional da cidade e de grande torcida, fundado em 04 de abril de 1909.

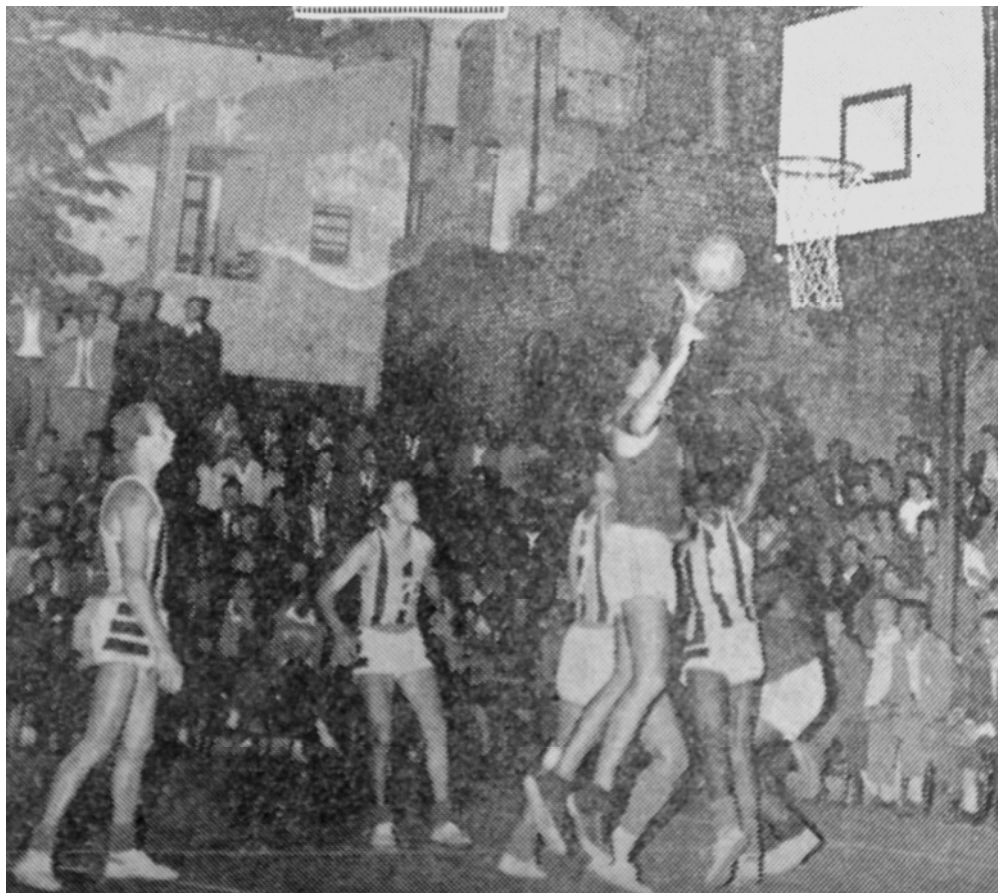


Imagem 1: jogo de basquetebol na Praça Florida
Fonte: Arquivo pessoal de Paulo Dreyssig

A partir deste exemplo, podemos levantar a questão de que torcedores de Grêmio e Internacional no futebol assumiam a torcida de outros times menores no basquetebol, ou pelo menos assistiam frequentemente a jogos de outros times que não os seus. O fato da Florida, bem como outros times de praça ou clubes menores não possuírem times de futebol e mesmo assim apresentarem número significativo de torcida em seus jogos aponta para uma interessante separação entre o sentimento dos torcedores no basquetebol e no futebol, onde não necessariamente eram em favor de uma mesma equipe.

O crescimento do Florida Atlético Clube era visível, disputando campeonatos citadinos organizados pela FARG e posteriormente pela FGB²⁰, chegando a ser vice-campeão adulto de basquetebol em Porto Alegre nos anos de 1949, 1950, 1951 e 1952. Na imagem 2 é apresentada a fotografia da equipe do Florida Atlético Clube, que conquistou expressivos resultados na década de 1950.

²⁰ Federação Gaúcha de Basquete.



Imagem 2: Equipe do *club* Florida Atlético Clube, campeã citadina e estadual de basquetebol do ano de 1953

Fonte: Arquivo pessoal de Paulo Dreyssig

O Florida Atlético Clube entraria de vez para o rol dos campeões ao vencer o campeonato citadino e estadual no ano de 1953. Um feito grandioso, visto que a praça competia com clubes muito mais estruturados, como Grêmio, Cruzeiro, Internacional, entre outros. Nas palavras de quem viveu o momento, Dreyssig (2003) lembra que “[...] 1953 foi o ápice do Florida. Era um clubezinho de praça, que não tinha nem sede, a sede era na própria praça, sagrar-se campeão citadino e depois estadual em um campeonato ocorrido na cidade de Pelotas!” O depoimento permite que se observe que as mais diversas manifestações de basquetebol na cidade, convergiam para uma prática nas competições oficiais, que permitiam casos como este, em que clubes de massa e com grande organização enfrentassem times mais modestos, de estruturas mais humildes de igual para igual.

O caso de sucesso na filiação da Florida junto à federação, não teve eco em outras praças, sendo este o único exemplo ocorrido durante o período estudado. Em parte talvez, pelo fato de que as praças serviam na época muito como forma de projetar jogadores para atuarem nos clubes grandes da cidade. A partir disso, muitos jogadores que fizeram seu nome no basquete gaúcho surgiram das praças. Tanto

nas entrevistas analisadas, quanto jornais e almanaques da época citam em determinados momentos nomes de atletas de destaque oriundos desta esfera do basquetebol na cidade. Personagens como Telmo Drexler, conhecido como Bugio, que fez parte de um vitorioso time do Grêmio, Ivo Rigobello e Ubirajara dos Santos, conhecido como Mussolini, pertencentes ao quadro do Internacional destacaram-se na quadra da Florida (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 10 de setembro de 1956; LIMA, 2002; CARDOSO, 2002).

Apesar de estes nomes terem surgido entre outros tantos que talvez não tenham alcançado maior destaque no cenário esportivo da cidade, a pesquisa nas mais variadas fontes sempre indicaram o caso de Wilson Santana Vieira, o popular Kalunga, como um expoente no esporte surgido na praça Alto da Bronze, que alcançou destaque e quebrou barreiras no esporte, não só pelo seu jogo mas também pela sua condição social e pelo fato de ser um negro jogando em um clube até então elitizado como o Grêmio²¹ (LIMA, 2002; CARDOSO, 2003; FOLHA ESPORTIVA, 14 de junho de 1955; DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 12 de outubro de 1956).

Esses exemplos permitem verificarmos o quanto era comum, nesse período, a formação dos jogadores a partir de suas atividades nas praças que, posteriormente a esse aprendizado, faziam carreira em clubes de maior renome e estrutura. Clubes como Grêmio e Internacional sempre tinham os chamados olheiros nas praças, os quais observavam o desempenho dos jogadores em busca de novos valores para suas equipes (CARDOSO, 2002).

Por isso era raro um bom plantel se manter na praça, alheio às investidas dos clubes a seus jogadores. Esse fenômeno se dava porque nos anos 1950 a questão do amadorismo no esporte era tema recorrente no âmbito esportivo da cidade. O basquetebol não era considerado uma prática profissional, portanto a maioria dos jogadores tinha outras profissões paralelas à vida de jogador. Porém a questão era tratada de forma diferente conforme os interesses envolvidos. Com isso, era comum o clube com maior poder de investimento e estrutura assediar jogadores nas praças e levar para suas equipes a fim de disputar as mais variadas competições. Sabemos que não se trata de um fenômeno exclusivo da realidade porto-alegrense ou gaúcha,

²¹ Kalunga era um atleta negro de porte físico imponente, que começa a jogar basquetebol na praça Alto da Bronze, depois pela Associação Cristã de Moços (ACM) até chamar a atenção do Grêmio, time que tradicionalmente não contava com atletas negros, clube no qual fez uma carreira vitoriosa (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 12 de outubro de 1956).

senão que até os dias de hoje este é um tema polêmico e recorrente também no basquetebol universitário americano, onde vigora esta mesma lei do amadorismo²².

Muitos casos do chamado amadorismo disfarçado foram denunciados, outros tantos não foram descobertos, mas o fato é que se tratava de uma prática recorrente na época. Uma reportagem do Jornal Folha Esportiva ilustra bem a questão, sobre uma denúncia envolvendo uma proposta para um dos atletas destaques do Cruzeiro Esporte Clube e do basquetebol gaúcho na época Cleomar Lima²³ se transferir para um clube do estado Rio de Janeiro. Foi feita uma denúncia por parte do próprio atleta, que recusou a oferta de quatorze mil cruzeiros, dentre os quais oito mil seriam pagos através de um contrato de funcionário²⁴ com a Companhia Siderúrgica Nacional e outros seis mil pagos como gratificação “por fora”, de maneira extra-oficial (FOLHA ESPORTIVA, 05 de agosto de 1957).

Ainda dentro desta questão, referimos uma polêmica ocorrida no ano de 1954, que tomou conta da cidade de Porto Alegre, envolvendo o Grêmio e a Florida. A praça vinha de seu melhor ano esportivo, apresentando ótimos resultados nas competições que participava, consagrando-se campeã citadina e estadual. Esse sucesso despertou mais ainda o interesse dos clubes nos seus atletas. Telmo Drexler, o Bugio, considerado como o melhor jogador da Florida anunciou sua transferência para o Grêmio, desencadeando uma campanha na cidade contra o chamado amadorismo marrom, que já atingira o futebol e agora se via no basquete. Esse termo designava a prática comum em alguns clubes mais poderosos da época, em que os atletas recebiam um auxílio do clube para custear gastos com alimentação, vestuário, estudo, transporte, etc. Recebiam disfarçadamente, pois o

²² Até os dias atuais, no esporte universitário norte-americano não é aceito o profissionalismo de seus atletas. Como no caso citado no estudo ocorrido no basquete portoalegrense na década de 1950, também nos EUA diversas investigações são abertas e dúvidas são lançadas acerca de atletas recebendo dinheiro ou efetuando contratos disfarçadamente. Ver: <http://www.ncaa.com>.

²³ O nome de Cleomar Antônio Pereira Lima merece especial destaque pelo que foi apurado na coleta dos dados para a pesquisa. Apesar de ser carioca, é no basquetebol gaúcho que fez carreira e se tornou um pioneiro. Sendo um dos primeiros jogadores de fora do Estado a disputar competições por um clube gaúcho, chega a Porto Alegre em 1954 para jogar no Internacional. Jogador de excelente técnica e velocidade foi o primeiro atleta a ser convocado para a seleção brasileira jogando no Estado. Além disso, é o responsável por introduzir no basquete gaúcho o arremesso *jump* (arremesso feito a partir de um salto vertical, que revolucionou e modernizou o jogo). Depois do Internacional, joga quatro anos no Cruzeiro até ir para o Grêmio, onde passa a ser jogador e técnico, encerrando sua carreira em 1963 devido a um problema no joelho (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 12 de outubro de 1956).

²⁴ Prática comum na época, jogadores eram contratados por equipes de maior expressão, que faziam contratos com os atletas vinculando-os a empresas, por onde receberiam seu pagamento, como se fossem empregados da mesma (CARDOSO, 2003; LIMA, 2002).

esporte ainda preservava um caráter amador que não permitia o profissionalismo. Foi grande a repercussão da polêmica na imprensa e nas rodas de conversa na cidade (FOLHA ESPORTIVA, 05 de agosto de 1957).

Os atletas não recebiam para jogar, mas em alguns casos, de tempos em tempos, os clubes para garantirem os jogadores em seus quadros, lhes faziam agrados financeiros. Jornais da época desconfiavam de que o jogador Kalunga, que já era um destaque no esporte, quando casou ganhou do Grêmio um quarto e uma sala de jantar (FOLHA ESPORTIVA, 05 de agosto de 1957).

Essa polêmica envolvendo o chamado profissionalismo disfarçado dominou o cenário esportivo da década. Prova é que, no começo dos anos 1960, ainda existiam casos de escândalos sobre clubes “seduzindo” atletas. Aos poucos, porém, a situação do atleta como um profissional do esporte passa a ser encarada com mais naturalidade pela sociedade.

A história do basquete é também a história deste esporte nas praças de Porto Alegre. Os investimentos públicos em espaços de lazer que vinham sendo feitos ao longo dos anos vão abrindo espaço para as diferentes práticas esportivas na cidade e o basquete deixa sua marca num tempo importante de sua história. Mas, além das praças, o basquete vai se consolidando também como modalidade de forte apelo popular, bom nível técnico e de importante presença nos clubes e associações da cidade.

Para além dos clubes observamos que o basquetebol ocupou o espaço das praças. Isto impulsionou a prática deste esporte na cidade e o incremento de competições que contavam inclusive, algumas delas com os *clubs*, ou seja, equipes formadas nas praças. Estas condições atingidas pelo esporte favoreceram um novo momento do esporte na cidade, a denominada fase federada. O capítulo que segue revela o cenário basquetebolístico na cidade a partir da criação da Federação Gaúcha de Basquete desenhado, através de fatores como a presença de público nas competições, os diversos locais para prática e o próprio trato que a imprensa e a população davam ao basquetebol.

6. A FASE FEDERADA DO BASQUETEBOL NA CIDADE

Desde a primeira década do século XX que o basquetebol possui um comitê nos Estados Unidos, que é o responsável pelo seu regulamento. Porém, num primeiro momento, tal comitê não se preocupou tanto com a evolução do regulamento, buscando através da criação de algumas regras básicas construir uma identidade esportiva para esta prática, o que permitiria sua expansão e desenvolvimento pelo mundo.

Nos anos 1930, o basquetebol já se mostra bastante difundido pelo mundo, apresentando inclusive divergências quanto às regras, pois estas passaram a ter modificações em cada região, o que motivou a organização da Federação Internacional de Basquetebol (FIBA) em 1932. Neste sentido, Betrán (1993, p. 10) comenta que:

Apesar da boa vontade dos países para que o basquete progredisse e se convertesse em um esporte popular, até esse momento o esporte não tinha adquirido um carisma internacional. O mundo estava dividido em duas partes: de um lado os Estados Unidos, criador do jogo e que continuava progredindo em todos os aspectos, tanto esportivo, regulamentar, técnico, como organizativo, funcionando de forma totalmente independente; e de outro o resto dos países do mundo, principalmente os europeus, onde o progresso era dificultado pelas diversas interpretações que cada país dava ao esporte.

Após três anos de funcionamento da Federação Internacional de Basquetebol, em 1935 foi realizado o Campeonato Europeu de Basquetebol e um ano mais tarde o basquetebol obteve reconhecimento como esporte olímpico nos Jogos Olímpicos de 1936 em Berlim. Isto sinaliza que o esporte caminhava a passos largos para a sua consolidação internacional, que viria após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

O esporte segue crescendo e dois aspectos são também destaques na história internacional do basquete. A partir da década de 1950, um fato chamou a atenção e se transformou num marco no que se refere ao basquetebol enquanto espetáculo: os jogadores de raça negra são integrados a todas às equipes dos Estados Unidos. Além disto, em 1954, é criada *National Basketball Association*

(NBA), a primeira liga profissional americana que até hoje é sinônimo de organização, profissionalismo e espetáculo esportivo.

No âmbito nacional, já na década de 1930 foi criada a Federação Brasileira de Basketball (FBB), mais precisamente no ano de 1933, no Rio de Janeiro, que posteriormente é chamada de Confederação Brasileira de Basquete (CBB). Apesar de já ter uma federação a tomar conta do esporte, a modalidade ainda estava em processo de amadurecimento enquanto prática esportiva no país. Foi somente na década de 1950 e primeira metade dos anos de 1960, que o basquetebol se consolidou ingressando na sua “época de ouro” no país: a seleção brasileira masculina de basquetebol conquistou o bi-campeonato mundial em 1959 e 1963.

A partir dos resultados conseguidos, o Brasil tornou-se uma potência mundial no basquetebol, e o esporte tornou-se um dos mais populares do país. Esta condição coloca o basquetebol em destaque, mas ainda atrás do futebol, que já era considerado o esporte nacional, e também já havia conquistado o bi-campeonato mundial em 1958 e 1962. O basquetebol tinha seus ídolos nacionais, como Wlamir Marques, Amaury Antônio Passos, Carmo de Souza, conhecido como Rosa Branca e Ubiratan Maciel Pereira, atletas bi-campeões mundiais com a seleção. Com páginas cativas nas seções de esportes dos jornais todos os dias, o basquetebol ganhou impulso e expandiu-se para além dos clubes, sendo trabalhado em praças e escolas do país.

No Rio Grande do Sul o processo se assemelha ao que ocorreu no cenário nacional. Com o basquetebol já presente no Estado, embora de forma incipiente desde a metade da década de 1920, é apenas na década de 1950 que ganha uma maior organização. Esta organização se deve muito pelo fato de datar desta década a emancipação do basquetebol da direção de uma entidade que englobava todos os esportes praticados no Estado.

Até o início da década de 1950, todos os esportes eram dirigidos pela FARGS e, sendo assim, as diferentes modalidades não tinham autonomia para decidir sobre suas competições. Porém, o ano de 1950 marcou uma verdadeira “revolução” no campo esportivo, pois as principais práticas esportivas começaram a insurgir-se contra a FARGS, criando suas próprias entidades dirigentes. Após dois anos de muita disputa, pois a FARGS resistiu muito a abandonar o gerenciamento dos

esportes no Estado, o basquete conquistou, em 18 de abril de 1952, sua entidade própria: a Federação Gaúcha de Basquetebol (FGB).

O basquete está entre as primeiras práticas esportivas a desligar-se da FARGS, abrindo caminho para as diversas outras modalidades fazerem o mesmo. Em entrevista ao CEME, Godoy Bezerra (2002) que foi personagem ativo no movimento de separação dos esportes do controle da FARGS dá o seu testemunho comentando que os clubes já não aguentavam a maneira centralizadora como a Federação Atlética dirigia os esportes no Estado. Diversas reuniões foram feitas até que se deu a criação da Federação Gaúcha de Basquetebol, a partir de uma assembléia realizada em Porto Alegre no sobrado da sede do jornal Diário de Notícias, prédio que pertencia ao Esporte Clube Cruzeiro.

A criação da federação se deu em um momento onde a cidade de Porto Alegre testemunhava a explosão dos esportes. Tanto em competições oficiais quanto no esporte como forma de lazer, como meio de atividade física, a população “abriu os olhos” para essa manifestação cultural (MONTEIRO, 2006).

A década de 1950, comumente referida como “Anos Dourados”, segundo Pesavento (1999) foi um período no qual a burguesia se consolidava como classe social e onde o capitalismo, o nacionalismo e a industrialização foram observados como palavras de ordem e passaram a reger transformações sociais. Nesse período, Porto Alegre apresenta cada vez mais características urbanas, e com elas surgem mudanças em seu cotidiano. O consumo, as relações de trabalho, a educação escolar e a vida familiar passam a se refletir no modo de viver da cidade em geral.

Paralelamente a isso, o esporte amador na cidade entra numa fase de reestruturação, com mudanças muito importantes no que diz respeito ao aspecto organizacional. Como foi visto, surgem as federações esportivas, que trouxeram uma maior autonomia para cada modalidade, que passaram a estabelecer suas próprias regras, organizar seus campeonatos e trabalhar especificamente no desenvolvimento de cada esporte no Estado. Uma vez emancipado, o basquetebol começa a caminhar para ter mais autonomia e evolui de forma visível.

Pelo fato de Porto Alegre ainda não ter uma dimensão de grande metrópole nessa época, em torno de 500 mil habitantes, todos tomavam conhecimento dos eventos esportivos que estavam por vir. Além disso, acompanhar os esportes era uma ótima atividade de lazer da população (CARDOSO, 2002).

Ao viajar no tempo, é possível confirmar as colocações feitas, observando a realidade atual. Hoje em dia há uma ampla gama de opções de lazer, sendo a indústria do entretenimento, uma das mais avançadas da nossa sociedade. Com a televisão e a internet, por exemplo, e com a mídia dificilmente abrindo espaço para outros esportes fora o futebol, pouca é a motivação para o público frequentar os ginásios como antigamente. Além disso, na década de 1950, era costume o povo ir às ruas, enquanto hoje em dia a tendência é cada vez maior das pessoas se enclausurarem em suas casas, tendo seus momentos de lazer dentro de seus lares.

Apesar de todo esse clima favorável ao basquetebol na cidade, as condições para a sua prática ainda deixavam muito a desejar. A começar pelas quadras, todas elas descobertas na primeira metade dos anos 1950. Com isso, era grande a influência do clima no bom andamento dos jogos. O piso era muito duro, quase sempre feito de asfalto ou cimento, como era o caso das quadras do Sport Club Internacional no Estádio dos Eucaliptos, do Grêmio Foot Ball Porto Alegrense no Estádio Olímpico, da SOGIPA em sua sede na Rua Alberto Bins e da Praça Florida. Em outros casos, como no Grêmio Náutico União, a quadra era de areia, piso muito escorregadio e que dificultava as marcações das linhas limites da quadra. Estas condições, somadas aos calçados que pouco amorteciam os impactos gerados pelo jogo, culminavam em muitos problemas de lesões nos atletas (LIMA, 2002; FOLHA ESPORTIVA, 20 de maio de 1955).

Com o passar dos anos, na segunda metade da década, são construídos os dois primeiros ginásios cobertos da cidade. A SOGIPA foi a pioneira, em 1957, ao construir seu ginásio. Era pequeno, mas por ter essa característica de ser coberto, única na cidade até então, a SOGIPA passa a sediar os grandes eventos do basquetebol em Porto Alegre. Essa situação perdurou até que anos mais tarde, no começo da década de 1960, o Grêmio Náutico União inaugura o seu ginásio na Rua Quintino Bocaiúva, muito moderno naqueles tempos, sendo até hoje um dos maiores da cidade (HOFMEISTER FILHO, 1996).

Gradativamente as condições para a prática do basquetebol em Porto Alegre vão melhorando. Acompanhando a evolução das quadras, os materiais esportivos também vão ganhando em tecnologia com o passar dos anos. Tanto os calçados, que eram muito duros, quanto às bolas, feitas de um couro muito grosso, cheias de costuras e muito pesadas, vão tornando-se mais leves e bem acabadas.

Ao longo dos anos 1950, muitos jogos de basquetebol aconteceram. Ao contrário dos dias atuais, onde os campeonatos são concentrados em dois, três meses do ano, com poucas equipes, antigamente havia campeonato o ano inteiro e com muitos clubes. Segundo Weis (1998) na década de 1950, anualmente eram disputados os campeonatos citadinos que davam à equipe campeã o direito de passar para a outra fase, a zonal. O Estado era dividido em várias zonas, sendo que os campeões das zonas disputavam o estadual de basquetebol. As zonas eram: Porto Alegre, Serra, Norte, Centro e Fronteira²⁵.

Na zona de Porto Alegre, o campeonato citadino já era disputado desde 1923, tendo ao longo do tempo diferentes equipes campeãs, desde as mais tradicionais no esporte na cidade, até pequenos clubes que anos mais tarde já deixariam de ter o basquetebol em seus quadros²⁶.

A seguir, é apresentado um quadro elaborado pelo próprio pesquisador, com os campeões citadinos nos respectivos anos, na década de 1940 (pré-federalização) e na década de 1950 (anos pós-federalização).

²⁵ Ao citar as zonas em que o Estado era dividido, o autor não deixa claro que cidades pertencem a cada zona.

²⁶ Os primeiros campeonatos citadinos de Porto Alegre datam do início da década de 1920, tendo como campeões a Associação Cristão de Moços em 1923 e 1929, o Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré (1924 e 1925); em 1926 o campeonato não teve campeão por problema de organização; de 1927 até 1949 o título ficou sempre entre cinco equipes: o Foot-ball Club Porto Alegre venceu em 1927, 1928, 1939, 1940 e 1941; União de Moços Católicos de São Geraldo (1930, 1931 e 1936); Esporte Clube Cruzeiro (1945, 1947, 1948, 1949), Sport Club Internacional (1932, 1933, 1935, 1937, 1938, 1942, 1943, 1944, 1946), Grêmio Football Porto Alegrense (1934). Alguns destes times deixaram de ter equipes de basquetebol a partir da década de 1940, como nos casos do Foot-ball Club Porto Alegre, São Geraldo e Gremio de Regatas Almirante Tamandaré. Ver www.basquetegaucho.com.br.

ANO	EQUIPE CAMPEÃ
1942	Sport Club Internacional
1943	Sport Club Internacional
1944	Sport Club Internacional
1945	Esporte Clube Cruzeiro
1946	Sport Club Internacional
1947	Esporte Clube Cruzeiro
1948	Esporte Clube Cruzeiro
1949	Esporte Clube Cruzeiro
1950	Esporte Clube Cruzeiro
1951	Esporte Clube Cruzeiro
18 de abril de 1952	
Criação da Federação Gaúcha de Basquete	
1952	Esporte Clube Cruzeiro
1953	Florida Atlético Clube
1954	Grêmio Foot-ball Portoalegrense
1955	Grêmio Foot-ball Portoalegrense
1956	Esporte Clube Cruzeiro
1957	Sport Club Internacional
1958	Esporte Clube Cruzeiro
1959	Grêmio Foot-ball Portoalegrense

Quadro 1: Campeões da cidade de Porto Alegre de basquetebol dos anos de 1942-1959.

Fonte: Almanaque Esportivo do RS e Site da FGB

Uma breve análise do quadro acima já permite que se observe que o Esporte Clube Cruzeiro, juntamente com o Sport Club Internacional exerciam uma hegemonia nos campeonatos da cidade nos anos que antecederam a criação da Federação Gaúcha de Basquetebol (todos os títulos de 1942 a 1950 ficaram entre estas duas equipes). A partir do ano de 1952, data de fundação da mesma, os títulos passaram a ser divididos entre mais equipes, de certa forma descentralizando o poder do basquetebol porto-alegrense e pulverizando-o por uma quantidade maior de clubes. Observando o quadro, os oito títulos em disputa a partir da criação da

Federação Gaúcha de Basquetebol tiveram quatro vencedores diferentes, e em apenas uma ocasião (1954 e 1955 com o Grêmio Foot Ball Porto Alegrense) houve um bicampeão. Apesar de este fato poder ser mera coincidência, é possível também levantar a hipótese de que isto pode ter sido reflexo de uma melhor organização dos campeonatos, ou mesmo de uma participação mais efetiva dos clubes a partir de então.

O campeonato citadino reunia todos os clubes de Porto Alegre e era disputado durante o ano. Dentre todos os campeonatos citadinos da década, vale destacar as finais dos anos de 1955 e 1956, onde o título foi decidido em ambos os anos no clássico de maior rivalidade do estado, o GRE-NAL²⁷ (Grêmio x Internacional). Nas duas ocasiões, a vitória foi do Grêmio, ambas por um ponto apenas de diferença, com mais de cinco mil pessoas assistindo. Além disso, cabe ressaltar que até o ano de 1956, todos os campeões citadinos conseguiram também o título estadual na fase seguinte. A imagem a seguir ilustra uma cena do clássico que decidiu o campeonato de 1955, e mostra a tensão e a disputa ferrenha pela posse da bola.

²⁷ Gre-Nal é como ficou conhecido no meio do esporte brasileiro o clássico envolvendo os dois clubes de maior tradição no Rio Grande do Sul, Grêmio Football Portoalegrense e o Sport Club Internacional. No futebol, as equipes já se enfrentaram 381 vezes, com o primeiro clássico tendo ocorrido no ano de 1909. Em pesquisa feita em 2008 pela revista esportiva Trivela, jornalistas nacionais e internacionais elegeram o Gre-Nal como o maior clássico do Brasil e a quinta maior rivalidade no mundo do futebol. Ver www.trivela.com; www.fgf.com.br.

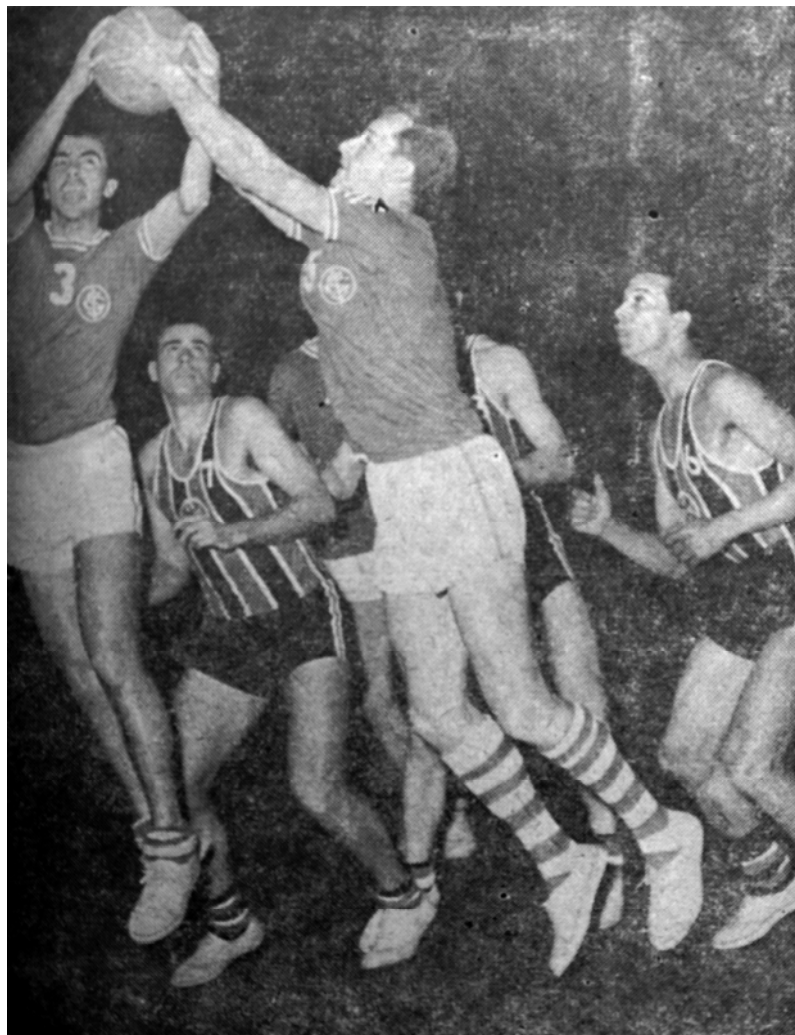


Imagem 3: Disputa de bola em um clássico Gre-nal da final do campeonato citadino de basquetebol do ano de 1955

Fonte: acervo pessoal de Cleomar Lima

Outro dado interessante que surge ao observar o quadro 1 da página 44 é que todos os clubes campeões nessas duas décadas apresentadas tinham no futebol o seu esporte principal. Tanto o Sport Club Internacional, quanto o Esporte Clube Cruzeiro e o Grêmio Foot Ball Porto Alegrense eram clubes conhecidos e construía sua tradição com base nos resultados conseguidos ao longo dos anos no futebol. O basquetebol era sim uma modalidade importante nos clubes, porém não a principal. O Florida Atlético Clube, campeão em 1953 por sua vez, era o único clube no quadro apresentado que tinha no basquetebol o seu esporte principal, como vimos no sub-capítulo anterior. Este fato nos leva a acreditar que o basquetebol também se apoiava na grande popularidade do futebol e seus clubes e

torcidas para tirar proveito dessa paixão, e assim fazer o esporte crescer no gosto popular e se tornar interessante também aos olhos do torcedor de futebol.

O basquetebol na década de 1950 mostrava estar em uma curva ascendente. Os jornais sabiam disso, e aproveitavam o grande apelo popular do esporte para recheiar suas páginas com notícias basquetebolísticas. Era, possivelmente, o segundo esporte na preferência da população, atrás apenas do futebol. Por isso, na organização de campeonatos, o basquetebol sempre fugia da disputa de horários com o futebol. Poucas vezes partidas aconteciam no fim-de-semana, datas instituídas como dias de futebol. Com isso, era possível conseguir maior espaço e divulgação nos jornais (LIMA, 2002; CARDOSO, 2003). Com jogos nas segundas e sextas-feiras, o basquete garantia a contra-capta e uma boa cobertura nas edições de terças e sábados, com grandes reportagens repercutindo os jogos da noite anterior.

Este fato, destacado nas entrevistas analisadas se confirmou durante a pesquisa realizada, quando foi possível observar o espaço dedicado ao basquetebol nos jornais da década. Claramente o fato de não haver jogos de futebol nos dias em questão permitia que se abrisse mais espaço do que o normal para o basquetebol e mostrou-se uma estratégia bem pensada e que colaborou de forma interessante para a divulgação das competições, equipes e da modalidade em geral. A imagem 4 a seguir, mostra apenas uma parte de uma reportagem de página inteira no jornal Folha Esportiva, chamando o público para jogos de um torneio de preparação ao campeonato citadino.



GRE-CRUZ A MAIOR ATRAÇÃO DO "INITIUM": No 2.º jogo do Torneio Início, programado para hoje à noite, no ginásio do União, estarão se defrontando os "fives" do Grêmio e do Cruzeiro, realizando mais um clássico do ano. Certamente trata-se da partida mais atraente do programa de logo mais à noite. Ao alto, os dois adversários com suas atuais constituições

HOJE, NO PALACIO DOS ESPORTES, O TORNEIO INICIO DA PRIMEIRA DIVISÃO

Imagem 4: divulgação do basquetebol na imprensa

Fonte: Folha Esportiva, 4 de abril de 1956

Por isso também é que o basquete se popularizou e tornou-se um esporte querido e interessante para os porto-alegrenses, capaz de reunir milhares de pessoas para assistir aos jogos e vibrar com suas equipes (FOLHA ESPORTIVA, 14 de abril de 1955). Na maioria das vezes, os jogos tinham boa presença de público, com divulgação feita por jornais e transmissão por rádios locais. Um exemplo disto está na edição da Última Hora de terça-feira, 15 de agosto de 1958, que traz reportagem completa do jogo ocorrido na noite anterior na sua contra-capa, junto a uma grande foto de um lance da partida. Parte da matéria trazia o seguinte texto:

O Grêmio passou, ontem à noite, galhardamente, por seu primeiro compromisso válido pelo 2º turno do Metropolitano de basket²⁸, ao bater o Cruzeiro com toda a facilidade por 72 x 37. Os tricolores marcham, assim, na vice-liderança do certame, atrás apenas do colorado (p. 28).

Ao consultar jornais da época, é possível verificar que além de reportagens como esta acima, nos dias pós-jogo, haviam diversas menções envolvendo o basquetebol. Seja falando sobre os cestinhas da partida, a presença do público,

²⁸ Até a década de 1950 era comum o emprego de termos em inglês no vocabulário do basquetebol. Termos como *basket* para representar o esporte em questão, ou o *five* inicial, para referir a equipe que começava a partida, *match*, como o jogo, entre outras expressões apareciam com frequência nas fontes consultadas.

entrevistas com treinadores, dirigentes e torcida, o esporte ganhava espaço que hoje em dia apenas o futebol goza nos jornais. Isto ajudava muito na popularização do esporte, pois fazia com que a sociedade acompanhasse as competições e torcesse pelos clubes. O Correio do Povo de segunda-feira, 13 de junho de 1956, chama a torcida para o jogo da noite, classificando-o inclusive como a “grande atração esportiva” da semana, exaltando as escalações das equipes com seus principais nomes:

Atenção torcedor para a grande atração esportiva da semana: Grêmio versus Cruzeiro marca o carnet do certame portoalegrense de basketball para hoje. Jogo no Estádio Olímpico, às 20:15 horas, sendo a grande atração esportiva da semana. Grêmio: Bugiu, Kalunga, Canal... Cruzeiro: Cleomar, Torrano... (p. 34).

Este fato se faz mais presente ainda quando fazemos a comparação com o vôlei, que atualmente está colocado como segundo esporte no Brasil, ocupando na mídia e no coração das pessoas, o espaço que na década de 1950 era do basquetebol.

Em visita ao arquivo do museu Hipólito da Costa, em Porto Alegre, foi possível consultar o acervo histórico de diversos jornais, entre eles a Folha da Tarde e Folha da Tarde Esportiva, Diário de Notícias, Última Hora e Correio do Povo, todos com edições dos anos 1950. Chama à atenção a diferença de tratamento dado ao vôlei, comparado ao basquetebol, nestes veículos de comunicação. É visível o maior espaço destinado ao basquetebol na grande maioria das edições. Além disso, é possível observar que as reportagens sobre basquetebol quase sempre possuíam fotografias ilustrando-as, enquanto os textos sobre vôlei primavam pela brevidade, muitas vezes somente anunciando os jogos ou divulgando os resultados. Se partirmos do princípio de que a imprensa explora os assuntos que têm maior aceitação e despertam maior interesse na sociedade, e levando em conta as análises nos jornais e periódicos da época, é possível perceber o basquete como um esporte que fazia parte da cultura da capital gaúcha.

Esta inserção cultural, por outro lado, não tirou o caráter amador com que era praticado o esporte na cidade. Um fato que dá conta do amadorismo da época, era a falta de treinamento das equipes, já citada anteriormente. Com isso, uma situação inusitada por vezes acontecia, quando alguns clubes avisavam seus jogadores e faziam suas convocações através dos jornais, situação incomum, se traçarmos um

paralelo com a realidade atual. A Folha da Tarde de 10 de agosto de 1956 destacava assim:

Renner x União, hoje à noite, em basket:

A direção do departamento de basket do Grêmio Esportivo Renner convoca os jogadores abaixo para comparecerem na quadra do Grêmio Náutico União, sexta-feira, no horário determinado, quando enfrentarão as equipes unionistas em disputa do retorno do campeonato da cidade. Às 19:30 hs: Carlos, Gringo, Léo, Adão, Valdir, Vitinho... às 20:15 hs: Ênio, Bruxo, Pastuch... (p. 36)

Por outro lado, talvez o fato desse amadorismo permanecer presente em todos os níveis do basquetebol no Estado, contribuía para serem muitos os locais onde se praticava a modalidade na cidade. Obviamente que os clubes grandes contavam com melhor infra-estrutura e davam melhores condições para seus atletas, mas o fato de o esporte ainda não envolver muito dinheiro, permitia que a diferença entre os times grandes e os mais modestos não fosse tão significativa como é nos dias atuais onde o poder aquisitivo impera em todas as relações no esporte.

Portanto, é interessante tratarmos da história de um esporte específico, refletindo um pouco sobre os locais onde este era praticado. Como já foi abordado anteriormente, o basquetebol estava em voga da década de 1950. Com isso, multiplicavam-se pela cidade os locais que ofereciam condições para a sua prática.

Desde as praças e colégios, passando pelos clubes sociais e esportivos, o basquetebol era sempre uma opção em termos de lazer ou atividade física. Praticamente em todos estes espaços destinados à prática esportiva em Porto Alegre, existiam tabelas e marcações na quadra, que oportunizaram o exercício do basquetebol.

Através de consultas em jornais da época, bem como a análise das cinco entrevistas, 12 clubes diferentes apareceram, como locais em que se dava a prática do basquetebol competitivo na cidade. Eram eles: Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, Sport Club Internacional, Esporte Clube Cruzeiro, SOGIPA, Grêmio Náutico União, Petrópole Tênis Clube, Grêmio Esportivo Renner, Clube Pirata, Associação Israelita, Marcílio Dias, Navegantes-São João e Florida Atlético Clube. É bem verdade, que alguns destes clubes, trabalhavam apenas com as categorias de base, não participando dos campeonatos com times na categoria de adultos. Mesmo assim, a quantidade de locais é representativa especialmente se observarmos a realidade

atual, onde os únicos clubes que têm um departamento de basquetebol ativo na cidade são o Grêmio Náutico União e a SOGIPA, sendo que apenas o último tem participado de competições da categoria adulto. A imagem 5 abaixo mostra uma cena de um enfrentamento entre a Sogipa e o Petrópole Tênis Clube, dois clubes, que hoje em dia têm propostas bem diferentes para o esporte, com o primeiro ainda mantendo equipes de competição no basquetebol e o segundo tendo fechado o seu departamento deste esporte.

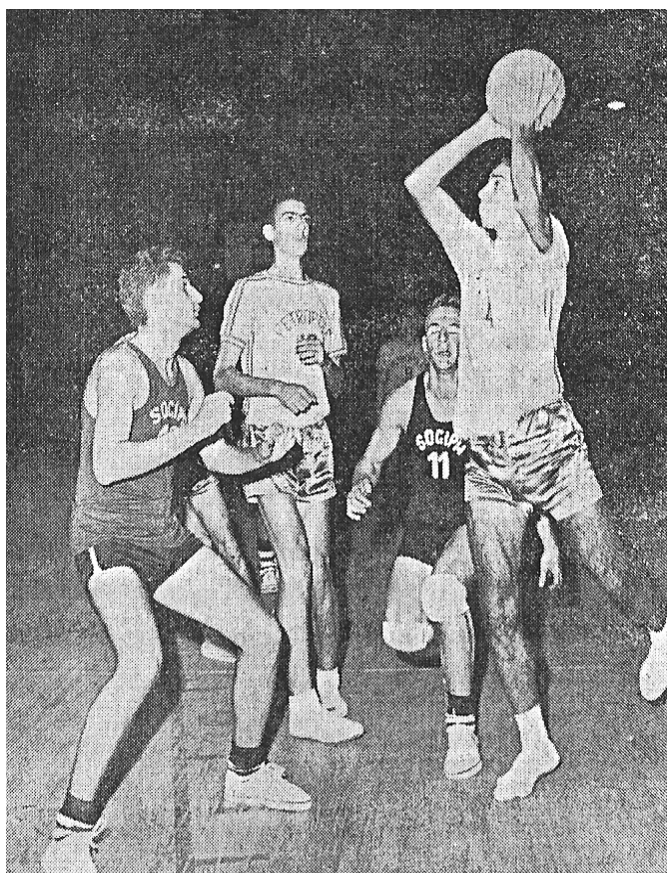


Imagem 5: Partida entre a Sogipa e o Petrópole Tênis Clube – clubes sociais portolegrenses
Fonte: Folha Esportiva, 20/05/1955

Alguns clubes encerram suas atividades esportivas já no fim da década de 1950, como é o caso do Clube Pirata. Conhecido como clube carnavalesco, tinha uma quadra na Rua João Alfredo, esquina com a Rua da República, no Bairro Cidade Baixa, mas apesar de fomentar a prática do basquetebol na época, se preocupava mais com a parte social. Também o Grêmio Esportivo Renner, clube de tradição da cidade, que participava inclusive dos campeonatos citadinos e estaduais

de futebol, rivalizando com Grêmio e Internacional, encerra suas atividades no ano de 1959.

O Esporte Clube Cruzeiro também contava com grande tradição no futebol gaúcho. No basquetebol não era diferente, chegando a ser um dos grandes campeões da década de 1950, com quatro títulos. Na imagem a seguir, a fotografia da equipe campeã citadina de 1956, que viria a ser campeã novamente em 1958.



Imagem 6: Esporte Clube Cruzeiro, clube campeão do campeonato citadino de basquetebol do ano de 1956

Fonte: Diário de Notícias, 08 de junho de 1956

O fato de ter um time de futebol, fazia com que o Cruzeiro tivesse também um bom público para assistir as competições relacionadas ao basquetebol. Com isso, era grande a sua rivalidade com clubes como, por exemplo, o Grêmio e o Internacional. O clube fecha seu departamento de basquetebol no final dos anos 1960, quando passa por uma crise financeira. Hoje em dia, ainda possui time de futebol, porém longe de ser o clube glorioso das décadas passadas.

Em outros casos, os clubes encerram suas atividades e desativam seus departamentos de basquetebol também no final dos anos 1950 e início dos anos 1960, como fez o Marcílio Dias e o Navegantes. Outros, como o Petrópole Tênis Clube e a Associação Israelita, continuam ativos, porém com suas atividades

esportivas apenas voltadas para seus associados (ÚLTIMA HORA, 21 de setembro de 1959).

Dentre os diversos espaços onde ocorriam as diferentes manifestações do basquetebol na década de 1950, os clubes sociais e esportivos realmente se destacavam. Isto porque, como já comentado anteriormente, foi nesta época que ocorreram transformações culturais na cidade, e entre elas, estava uma maior preocupação com saúde, bem-estar e lazer. Isso fez com que a população passasse a despender cada vez mais seu tempo dentro dos clubes. Neste ponto, quatro clubes saltam à frente de seus pares aqui em Porto Alegre: Grêmio Náutico União, SOGIPA, Grêmio e Internacional.

Os dois primeiros, rivalizam tanto na esfera social, quanto na esportiva. Se por um lado a SOGIPA se orgulha de ser o clube mais antigo e tradicional da cidade, tendo sua fundação em 1867, o União, fundado no início do século XX, ufana-se por seu rápido progresso e por suas três sedes⁶. No âmbito esportivo, os sogipanos constroem no começo da década de 1950 o primeiro ginásio coberto de Porto Alegre⁷. Porém, anos depois vêem seu maior rival construir seu Palácio dos Esportes, ginásio grande e moderno, sendo utilizado até hoje pelos unionistas (HOFMEISTER FILHO, 1996).

No que diz respeito ao basquetebol, a partir da consulta a jornais da época foi possível observar que ambos os clubes sempre gozaram de grande tradição nesta modalidade esportiva. Contudo, apesar de contarem com grandes equipes, nos anos 1950 não conquistam nenhum título na categoria adulto. Destacam-se pelo lado da SOGIPA, os atletas Raúl Ramos e Torrano, que construíram uma trajetória de sucesso no clube, enquanto que os irmãos Ronald e Arnold Purper formam uma dupla que marcou o basquetebol unionista nesta década. Importante também, frisar que ambos os clubes sempre se caracterizaram por seu investimento nas categorias de base, o que fez com que dominassem o basquetebol em Porto Alegre, a partir dos anos 1970.

Grêmio e Internacional foram, junto com o Cruzeiro, os grandes campeões citadinos e estaduais da década. O primeiro, com dois títulos, e o segundo com

⁶ O clube possui três sedes na cidade: a mais antiga fica na Rua Quintino Bocaiúva, onde se encontra o Palácio dos Esportes, a segunda fica na avenida Nilo Peçanha e a terceira situa-se na Ilha do Pavão, no Rio Guaíba.

⁷ Ginásio construído na antiga sede do clube na Rua Alberto Bins. Hoje o clube possui um ginásio maior e mais moderno em sua sede atual na rua Barão de Cotegipe.

quatro títulos seguidos²⁹. Clubes de grande torcida, sempre tiveram equipes muito fortes, que alimentavam a rivalidade Gre-Nal, vinda dos campos de futebol. Arrastando multidões para seus jogos, comumente tinham cinco mil torcedores em suas arquibancadas. Gozavam de grande espaço na imprensa e grandes jogadores em seus elencos. A imagem 7 abaixo, de um enfrentamento do Internacional contra o Petrópole, permite que se observe esse forte comparecimento de público aos jogos, onde se vê ao fundo uma grande arquibancada completamente tomada de torcedores no ginásio do União.



Imagem 7: Competição entre o Sport Club Internacional e o Petrópole Tênis Clube no ginásio do Grêmio Náutico União

Fonte: Folha Esportiva, 12/08/1958

O Internacional tinha um grupo muito forte, comandado por um destacado treinador no Rio Grande do Sul, professor Heron José Heinz. Muitos de seus atletas eram constantemente convocados para seleções gaúchas, para representar o estado em campeonatos brasileiros. Merecem destaque nomes como Cleomar Lima³⁰, Madrinha, Antoninho Heinz, Guido e Mussolini.

O Grêmio, até fechar seu departamento de basquetebol em 1966 por questões financeiras, sempre esteve envolvido nas finais das competições que disputava.

⁸ Ver site oficial da Federação Gaúcha de Basquete: www.basquetegaucho.com.br.

³⁰ Ver nota de rodapé número 23, página 37.

Contando sempre com a sua tradição, conseguia manter equipes de bom nível ano após ano. Merece destaque sua equipe bi-campeã citadina e estadual, com seu quinteto inicial, que contava com jogadores que marcaram época no basquetebol gaúcho, como Bebeto, Bugio, Kalunga, Nezinho e Canal. A imagem 8 a seguir, mostra uma seleção gaúcha formada pelos atletas destaques dos clubes de Porto Alegre na década de 1950. Do União aparecem Ronald e Arnold Purper, do Internacional temos Madrinha, Cleomar e Antoninho Heinz, pelo Grêmio Kalunga e Bebeto e pela Sogipa estão Álvaro e Torrano.



Imagem 8: Atletas destaques da década de 1950, representando a seleção gaúcha de basquetebol

Fonte: arquivo pessoal de Cleomar Lima

A imensa rivalidade Gre-Nal, que extrapolava o âmbito apenas do futebol, transformando-se em uma questão cultural no Rio Grande do Sul, sempre foi responsável por alimentar nos clubes o sentimento de querer superar o tradicional rival. O Internacional cresceu como clube esportivo sempre almejando alcançar o seu rival, mais antigo e consolidado. Uma vez atingido o mesmo patamar, ambos os clubes travam uma disputa constante no intuito de superar o co-irmão em tudo. A imagem 9 abaixo, mostra a cena de uma disputa de bola em um clássico Gre-Nal no final da década de 1950. Percebe-se aqui também ao fundo, o bom público presente

ao ginásio, como era comum neste enfrentamento entre dois clubes de massa e tradição no cenário esportivo da cidade.



Imagem 9: Disputa pela bola em um clássico Gre-Nal de basquetebol

Fonte: Última Hora, 28/09/1959

Esse sentimento de rivalidade pode ter sido o responsável por fazer com que os clubes sempre aproximassem o adversário para qualquer outra atividade ou esporte a ser praticado. No caso do basquetebol, é flagrante como o Internacional tem destaque no cenário da cidade de Porto Alegre, mas que a partir principalmente da década de 1950 o Grêmio passa a fazer parte constante nas finais das competições e nas conquistas de alguns títulos, quebrando a hegemonia de Internacional e Cruzeiro no esporte. Isso leva a crer na possibilidade de que o sucesso do rival na modalidade estimulou a formação de equipes fortes no lado do Grêmio.

Ao compreendermos a situação que vivia o basquetebol nesta época na cidade de Porto Alegre, é possível observar que o esporte tinha caminho aberto para firmar-

se cada vez mais no cotidiano esportivo da população da capital na década seguinte. O estágio em que se encontravam os espaços, a organização da federação, os clubes, a imprensa e o público do basquete no final da década de 1950 ofereciam um interessante horizonte para o início da década de 1960.

A fotografia que segue mostra uma reportagem da Folha Esportiva de 1959, onde resume os jogos finais do campeonato citadino daquele ano e reflete sobre as mudanças ocorridas no basquetebol da cidade nos últimos anos.

Panorama para o próximo ano: ginásio do União será pequeno: público aumenta



emoção da disputa do título do campeonato contra o Internacional. Já os colorados, quase que aliados do título pelo mesmo Cruzeiro a que iria enfrentar, viu a chance única do tetracampeonato, na frente, fervendo. Com este espírito, ambos entraram na quadra, revelando num esquema prático: o Internacional, mais domínio das situações, com reservas para mudar, trocar a qualquer minuto e não alterar a produção do quadro. Já o Cruzeiro, à base de espasmos, de contra-ataques, com 5 homens superiores no conjunto titular, com um craque excepcional, Cleomar, com rebote, mas desastrada e melancolicamente sem reservas. Isto decidiu o jogo. Que foi todo ele tenso, difícil, árduo; esperando-se tudo a cada momento.

O Cruzeiro largou na frente, explorando aquela vantagem dos 5 homens titulares, da harmonia destes craques. Contra-ataque alguns rebotes e Cleomar deram ao alvi-azul 27 a 21 do primeiro tempo. O segundo revelou a batalha do banco, a luta dos reservas, o drama das substituições. Ai ganhou o Internacional, que possui um plantel homogêneo, onde todos jogam dentro de peculiaridades individuais, de maneira semelhante. Um prêmio que foi todo indeciso 45 a 42 marcou o fim, anoteítico para a torcida do Internacional, que fez do basquete o seu desabafo. Desabafo dos insucessos do futebol, das derrotas e goleadas sofridas, uma explosão que se revelou num carnaval de longos minutos dentro do ginásio do G. N. União. A torcida rubra revivia. Era uma coisa vibrante, emotiva: era o tetracampeonato do basquete. Antoninho, Graeff, Musso, Jaguarí, Carlos, Décio, Airton, Elpidio, Fernando, Madrinha, Orozimbo e Fonseca, os 12 do campeonato, os 12 novos ídolos da torcida colorada.

No fundo, o resultado foi uma vitória justa do clube que tem atletas em abundância, técnico comedido e inteligente e torcida excepcional.

Os demais clubes, União, Grêmio e Petrópolis, foram quadros à altura, porém com mais variações, com mais desequilíbrio. O União, por exemplo, passou por uma série de percalços com seus atletas, dificuldades com relação a técnico. O Grêmio teve problemas com atletas suspensos. O Petrópolis, ainda um quadro jovem, imaturo, mas, ainda assim, um brilhante quinto lugar.

Na parte final desta reportagem gostaríamos de salientar a ascensão do bola-no-césto em matéria de popularidade, em Porto Alegre. Anos atrás, jogos em quadras descobertas, em arquibancadas incômodas, davam um triste aspecto. Hoje, entretanto, tudo mudou, ginásios, acomodações em melhores estados. Chega-se a dizer que o União será pequeno para o ano que vem. O que aliás é verdade.

Quatro dos cinco finalistas do campeonato: Cruzeiro: vice-campeão onde despontam: Cleomar, Telmo, Wilson, o eterno, e Álvaro; o União — dos irmãos Purper e Garrafão — terceiro lugar, Grêmio, quarto lugar, com Telmo, Kalunga e Canal, e o Petrópolis de Valencinha.

Imagem 10: expectativa de crescimento para o basquetebol em Porto Alegre
Fonte: Folha Esportiva, 16 de novembro de 1959

A reportagem cita a construção dos ginásios como um processo de modernização importante para a popularização do esporte, pois conforme palavras da reportagem "... anos atrás, jogos em quadras descobertas, em arquibancadas incômodas davam um triste aspecto ao basquetebol". Termina, de forma um pouco ufanista, colocando que o ginásio do G. N. União será pequeno para o público portoalegrense no próximo ano, o que por si só já mostra as expectativas de crescimento que o esporte tinha para a década seguinte.

Ao mesmo tempo, tal expectativa ganha eco ao observarmos que Porto Alegre já no início da década de 1960 sedia um grande evento esportivo de escala mundial. A Universíade 1963 (Jogos Mundiais Universitários) colocou a cidade no mapa do esporte no mundo, agitando o cenário esportivo da capital gaúcha. Este fato é significativo para esta pesquisa porque na oportunidade o basquete pôde comprovar sua ascensão tanto no gosto popular quanto na sua importância na cidade, ao ver um ginásio com capacidade para dez mil pessoas ser construído exclusivamente para a competição desta modalidade. Santiago (2009), em seu trabalho sobre a Universíade de 1963 coloca que:

Tal local, de grande amplitude e perfeição técnica foi batizado pelo nome de Ginásio Universíade. Neste ginásio foram realizados os jogos de basquetebol e alguns de voleibol. Inclusive, um dos objetivos principais que encerravam as justificativas de tal construção era exercer influência na prática e nos significados assumidos pelo basquetebol gaúcho (p.49).

O basquete na Universíade em 1963 termina com a final entre Brasil e Cuba, com o ginásio totalmente tomado pelo público fazendo festa com o basquetebol brasileiro, aproveitando o carinho dos portoalegrenses com este esporte. Carinho este, emergido da própria história do basquetebol na cidade, de partidas em quadras abertas ou em praças, alimentado pelas rivalidades e os grandes jogos principalmente na década de 1950.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de retroceder no tempo através deste estudo foi possível identificar como era diferente a maneira como se praticava o esporte na cidade de Porto Alegre. Assim como o basquete mostrou ser outro, bastante diferente do que é praticado hoje em dia, a cidade também evidenciou as mudanças que sofreu ao longo destas décadas.

Através da consulta a fontes impressas, uma nova fase do basquete gaúcho, e mais especificamente do portoalegrense, foi se mostrando durante a pesquisa. Foram de suma importância para a construção da narrativa do estudo os jornais, revistas, almanaques, bem como as entrevistas analisadas. A análise destas variadas fontes, sustentada por uma base teórica envolvendo a História Cultural e Memória, permitiram que o objetivo da pesquisa fosse alcançado.

Partindo do objetivo central da pesquisa, que era o de identificar como se constituiu a prática do basquete na cidade de Porto Alegre no início de sua fase federada, nos anos 1950, observou-se que alguns fatores contribuíram para se chegar a essa nova organização no esporte portoalegrense. A insatisfação com os rumos que o esporte ia tomando no Estado através do controle da FARG, bem como a conseqüente insurgência de alguns clubes notórios da cidade frente a má organização da entidade nas questões do basquete, foram o combustível para um avanço significativo nas estruturas do esporte na época. O basquete teve importante papel ao tomar a dianteira e ser um dos primeiros esportes a emancipar-se da FARG, estimulando muitas outras modalidades esportivas a criarem também suas próprias federações.

Apesar de o Rio Grande do Sul ter sido um dos primeiros lugares no Brasil a receber a novidade chamada basquetebol, esta modalidade custou um pouco a se firmar no contexto esportivo da capital. Talvez pelo fato de outras práticas esportivas já estarem consolidadas no cotidiano da população na primeiras décadas do século XX, como o remo, o turfe ou o próprio futebol, ou quiçá pela influência teuto-brasileira, que ainda era muito forte na maioria das associações e clubes esportivos da cidade, usualmente mais fechadas às práticas que não fossem de sua origem. Sabendo-se da origem americana do basquete, é compreensível que o esporte tenha caído no gosto da população somente a partir da década de 1940, onde a

sociedade portoalegrense passava a viver uma ebulição cultural, onde os modelos de comportamento miravam a França e os Estados Unidos.

Ao focar a década de 1950, chamou a atenção que o basquete na época se manifestava em diferentes locais. O fato de existir na cidade pelo menos quatro praças fazendo basquete não apenas com os quadros adultos, mas também com as categorias inferiores denota o elevado número de praticantes desta modalidade na cidade. Ao mesmo tempo, estes locais foram importantes para a disseminação e popularização do esporte junto às camadas sociais que até então não tinham acesso aos clubes e associações esportivas, ainda muito fechados e elitistas. Das praças surgiram grandes nomes do esporte da “bola ao cesto” na cidade, além de terem servido como um espaço onde os clubes grandes de Porto Alegre “garimpavam” talentos para seus quadros.

Importante salientar que as praças podem se chamar pólos de basquete da época não só por terem o esporte sendo praticado em suas quadras, mas também por mobilizarem as comunidades à sua volta em torno de suas equipes e competições, cujo exemplo mais claro é o sucesso do Florida Atlético Clube, que mesmo sendo clube de praça venceu o campeonato citadino e estadual.

O basquete a partir da criação da FGB passou a ser mais organizado, com suas disputas tornando-se mais interessantes tanto para o público, quanto para a imprensa da época. Isso ficou claro ao analisarmos os jornais da década de 1950, que ao contrário da década de 1940, faziam mais referência ao basquete em suas edições e seguidamente destacavam a grande presença de público nos ginásios e quadras da cidade. Evidências disso aparecem na entrevistas consultadas no trabalho, onde os entrevistados ressaltam como o esporte ganhava o interesse da população.

O fato de ter havido muita alternância entre os campeões citadinos na década de 1950 em comparação às décadas passadas, onde dois ou três times apenas venciam, denota como o basquete estava mais nivelado, por tanto mais clubes e times competitivos haviam na cidade, o que elevava tanto o nível do jogo quanto o interesse de todos os envolvidos com ele.

O grande número de equipes “fazendo” basquete na cidade também surpreendeu, principalmente se traçarmos um paralelo com a realidade atual, onde temos apenas dois times em Porto Alegre, A Sogipa e o Grêmio Náutico União.

Levando-se em conta que a cidade tinha uma população muito inferior aos números atuais, o fato de ter se identificado doze equipes de basquete na cidade na década de 1950 é um número significativo.

Além das considerações feitas até aqui, cabe ainda colocar que ao concluir uma pesquisa de qualquer natureza, é possível se fazer uma leitura das limitações e dificuldades surgidas ao longo do processo. Com esta não foi diferente e houve alguns fatores que dificultaram um melhor andamento ou direcionamento do estudo. Como já foi citado no início do trabalho, são escassos os trabalhos envolvendo a história do basquete ou de qualquer outro esporte coletivo que não seja o futebol aqui no Estado. Isso limitou as fontes específicas do objeto de estudo em questão. Por outro lado, a pesquisa em jornais e revistas da década de 1920 a 1940 apresentavam poucas informações relativas ao basquete, e quando o faziam resumiam-se, na maioria das vezes, a datas ou placares de jogos. Este fato restringiu bastante uma contextualização de como era a situação do basquete no período anterior ao recorte do estudo.

No início do trabalho se tinha a intenção de diversificar mais as fontes de pesquisa. No entanto, um dos obstáculos e dificuldades foi a escassez de depoimentos, dados da própria FGB, que limitaram o trabalho. Sabemos que o que foi apresentado trata-se de uma versão da história do basquete na cidade, muito baseada no que se encontrou nas fontes que se teve acesso.

Por outro lado, acreditamos que são grandes as perspectivas e possibilidades de aprofundamento neste tema. Pensamos que a coleta de depoimentos orais pode contribuir muito para um mergulho maior na história do basquete na cidade e do Estado. Além disso, a partir da coleta realizada neste estudo foi possível verificar que um trabalho envolvendo décadas mais recentes é muito viável, tanto pela quantidade de fontes disponíveis (número relativamente maior que o do presente recorte) bem como pelo fato de que os atores e personagens desta história são mais facilmente identificados.

Esperamos que o trabalho possa contribuir para futuros estudos de pesquisadores na área do esporte, como uma fonte de dados para a construção de outras histórias do basquetebol não apenas em Porto Alegre, mas no estado do Rio Grande do Sul e também para possíveis trabalhos de história comparada do esporte.

REFERÊNCIAS

AMARO JUNIOR, José. **Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Tipografia Esperança, 1943.**

_____. **Porto Alegre: Tipografia Esperança, 1945.**

_____. **Porto Alegre: Tipografia Esperança, 1947.**

_____. **Porto Alegre: Tipografia Esperança, 1949.**

_____. **Porto Alegre: Tipografia Esperança, 1950.**

BARDIN, Laurene. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2000.

BARROS, José. O campo da História: especialidades e abordagens. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

_____. **O projeto de pesquisa em história:** da escolha do tema ao quadro teórico. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BETRÁN, Javier; CAMÍ, Jordi. Gènesi i etapes evolutives Del bàsquet com a esport contemporani. Taules cronològiques (1891- 1992). **Revista Apunts**, n.34, 1993. Barcelona: INEFC, 1993.

BEZERRA, Manuel. Manuel Bezerra (depoimento, 2002). Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2004.

BRAUNER, Daniel. **Bola ao cesto!** Um olhar sobre o basquete na cidade de Porto Alegre na década de 50. 54f. Trabalho de Conclusão de Curso (Educação Física) – ESEF, UFRGS, Porto Alegre, 2005.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CARDOSO, Renato. Renato Cardoso (depoimento, 2002). Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2004.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil:** a história que não se conta. Campinas, SP: Papyrus, 1988.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BASKETBALL. Disponível em: <http://www.cbb.com.br>. Acessado em 28 de maio de 2010.

CHARTIER, Roger. **El mundo como representación**: estudios sobre la Historia Cultural. Barcelona, Espanha: Gedisa Editorial, 1996.

_____. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

CORREIO DO POVO, Porto Alegre, 13 de junho de 1956.

CUNHA, Maria Luisa Oliveira da. **As praticas corporais e esportivas nas praças e parques públicos de Porto Alegre (1920 a 1940)**. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Porto Alegre, 08 de junho de 1956.

_____. Porto Alegre, 10 de setembro de 1956.

_____. Porto Alegre, 12 de outubro de 1956.

DREYSSIG, Paulo. Paulo Dreyssig (depoimento, 2003). Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2005.

FALCON, Francisco. **História Cultural**: uma visão sobre a sociedade e a cultura. Rio de Janeiro, RJ: Campus, 2002.

FEDERAÇÃO GAÚCHA DE BASKETBALL. Disponível em: <http://www.basquetegaucho.com.br>. Acesso em 20 de maio de 2010.

FEDERAÇÃO GAÚCHA DE FUTEBOL. Disponível em: <http://www.fgf.com.br>. Acesso em 10 de junho de 2010.

FERREIRA NETO, Amarílio. Pesquisa histórica na Educação Física Brasileira. In: FERREIRA NETO, Amarílio. **Pesquisa Histórica na Educação Física Brasileira**. vol. 1. Vitória: UFES, 1996. p. 5 –32.

FOLHA DA TARDE, Porto Alegre, 10 de agosto de 1956.

_____. Porto Alegre, 28 de agosto de 1959.

FOLHA ESPORTIVA. Porto Alegre, 20 de maio de 1955.

_____. Porto Alegre, 14 de junho de 1955.

_____. Porto Alegre, 04 de abril de 1956..

_____. Porto Alegre, 05 de agosto de 1957.

_____. Porto Alegre, 12 de agosto de 1958.

_____. Porto Alegre, 13 de agosto de 1959.

_____. Porto Alegre, 16 de novembro de 1959.

FONSECA, Gerard. **A história do futebol de salão em Caxias do Sul (1962- 1996)**. 2000. 169f. Dissertação de Mestrado. UFRGS, Porto Alegre, 2000.

GEBRAN, Philomena (org.). **História Cultural**: várias interpretações. Goiânia: Ed. Vieira, 2006.

GERTZ, René. **O Estado Novo no Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005.

GOELLNER, Silvana. Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica. Campinas, São Paulo, 1999. Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas, 1999.

_____. Memória, cultura e corpo: invenção e conhecimento. In: GOELLNER, Silvana Vilodre (org.) **Educação Física/Ciências do esporte**: invenção e conhecimento. Florianópolis: CBCE, 2000.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GOMBRICH, Ernst. **Para uma História Cultural**. Lisboa: Gradiva, 1994.

HALBWACHS, M. **Les cadres sociaux de la mémoire** [1925], trad. Albin Michel, Paris, 1994.

HATJE, Marli. **O jornalismo esportivo impresso do Rio Grande do Sul de 1945 a 1995**: a história contada por alguns de seus protagonistas. 1996. 208f. Dissertação de Mestrado. UFRGS, Porto Alegre, 1996.

HOFMEISTER FILHO, Carlos. **90 anos do Grêmio Náutico União**: “o clube das três sedes”. Porto Alegre: s.n, 1996.

HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

INTERNATIONAL BASKETBALL FEDERATION. Disponível em: <http://www.fiba.com>. Acessado em 17 de janeiro de 2010.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2003.

_____. A história do cotidiano. In: DUBY, Georges, ARIÈS, Phillippe e LE GOFF, Jaques. **História e Nova História**. Lisboa: Teorema, s.d.

LIMA, Cleomar. Cleomar Lima (depoimento, 2002). Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2004.

LUCENA, Ricardo. Para uma história do esporte em Vitória. In: FERREIRA NETO, Amarílio. Pesquisa **Histórica na Educação Física Brasileira**. vol.2. Vitória: UFES, 1997. p. 169 – 184.

LUCENA, Ricardo. **O esporte na cidade**. Campinas: Ed. Autores Associados, 2001.

MACEDO, Francisco de. **Porto Alegre, história e vida da cidade**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1973.

MARCONI, Marina; LAKATOS, Eva. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas, 2002.

MAZO, Janice. **A emergência e a Expansão do Associativismo Desportivo em Porto Alegre (1867-1945)**: espaço de representação da identidade cultural brasileira. Porto, Portugal, 2003. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade do Porto (UP).

_____. **Catálogo do Esporte e da Educação Física na Revista do Globo**. CD-ROM. Porto Alegre: PUCRS, 2004.

_____. A nacionalização das associações esportivas em Porto Alegre (1937/1945). Revista Movimento, v. 13, n. 3, p 43-63, 2007.

MELO, Victor de. **Cidade esportiva**: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Ed, Relume e Dumará, 2001.

_____. **História da Educação Física e do Esporte no Brasil**: panorama e perspectivas. São Paulo: IBRASA, 1999.

_____. Escola Nacional de Educação Física e Desportos: um estudo histórico, a história de um estudo e o estudo de uma História. In: FERREIRA NETO, Amarílio. **Pesquisa Histórica na Educação Física Brasileira**. vol 1. Vitória: UFES, 1996. p. 33 – 60.

MINAYO, Maria (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre e suas escritas: histórias e memórias da cidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

_____. **Porto Alegre: urbanização e modernidade**. A construção social do espaço urbano. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

_____. **Porto Alegre e suas escritas: História e memórias da cidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

PESAVENTO, Sandra. **História & História Cultural**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. **Memória de Porto Alegre: espaços e vivências**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999.

POLLACK, Michael. Memória e Identidade Social. In: Estudos Históricos, vol. 5, num. 10. Rio de Janeiro, 1992. P. 200 -212.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. Disponível em: <http://www.portoalegre.rs.gov.br>. Acesso em 08 de maio de 2010.

REVISTA TRIVELA. Disponível em: <http://www.trivela.com>. Acesso em 20 de maio de 2010.

ROLIM, Luis. **A chama que arde em nossos clubes! : a corrida de revezamento do fogo simbólico da pátria em Porto Alegre (1938-1947)**. 2008. 186 f. Dissertação de Mestrado. ESEF, UFRGS, Porto Alegre, 2008.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In. FERREIRA, Marieta de M. e AMADO, Janaína. (orgs). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

SANTIAGO, Diná. Jogos Mundiais Universitários de 1963: repercussões no associativismo esportivo da cidade de Porto Alegre/RS. 2009. 116 f. Dissertação de Mestrado. ESEF, UFRGS. Porto Alegre, 2009.

TESCHE, Leomar. **A prática do turnen entre os imigrantes alemães e seus descendentes no RS: 1867-1942**. Ijuí: Editora da UNIJUÍ, 1996.

TORRESINI, Elisabeth. **Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40**. Porto Alegre: editora da Universidade – UFRGS, 1999.

ÚLTIMA HORA, Porto Alegre, 15 de agosto de 1958.

_____. Porto Alegre, 21 de setembro de 1959.

_____. Porto Alegre, 28 de setembro de 1959.

WEIS, Gilmar. **O basquetebol em Santa Cruz do Sul**. Santa Cruz do Sul: Ed. Edunisc, 1998.